

C 685638
R 1401750
04/06/01
R\$ 5,60

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE COMUNITÁRIA

**PRODUZINDO UM NOVO CONCEITO
DE DROGAS: UMA CONSTRUÇÃO
SOCIOPOÉTICA**

Fernanda Cristina Castelo Lima Martins
Orientadora: Violante Augusta Batista Braga

10.7368
M 3437
2001

Fortaleza

2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SAÚDE COMUNITÁRIA

Fernanda Cristina Castelo de Lima Martins

**PRODUZINDO UM NOVO CONCEITO DE DROGAS: UMA
CONSTRUÇÃO SOCIOPOÉTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, da Universidade Federal do Ceará, para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem, Área de Concentração Saúde Comunitária, Linha de Pesquisa Enfermagem e Estudos Teóricos e Históricos das Práticas de Saúde.

Orientadora:
Profa. Dra. Violante Augusta Batista Braga

Fortaleza

2001

M343p

Martins, Fernanda Cristina Castelo de Lima

Produzindo um novo conceito de drogas: uma construção sociopoética. / Fernanda Cristina Castelo de Lima Martins. – Fortaleza, 2001

112 f. : il.

Orientador (a): Prof. (a) Dr. (a) Violante August Batista Braga.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará. Curso de Mestrado em Enfermagem

1. Enfermagem Psiquiátrica. 2. Saúde Mental. 3. Sociopoética. 4. Dependência Química. I: Título

CDD 610.7368

PRODUZINDO UM NOVO CONCEITO DE DROGAS: UMA CONSTRUÇÃO SOCIOPOÉTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Enfermagem, do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Enfermagem, Área de Concentração Saúde Comunitária, Linha de Pesquisa Enfermagem e Estudos Teóricos e Históricos das Práticas de Saúde.

Data da Aprovação: 05 /03 /2001

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. ~~Violante~~ Augusta Batista Braga
(Orientadora)

Profª. Dra. Cláudia Maria de Melo Tavares

Profª. Dra. Sandra Haldée Petit

À Clébia

Clébia, Kébia, Kebinha..

*Figura triste, às vezes ausente da vida,
mas sempre presente na minha ou na dos outros sobrinhos,
aos quais nunca negou os braços para ninar.*

*Se o tempo nos desse mais uma chance, talvez pudéssemos te ouvir cantar,
Melodias de Gal, Gil ou Caetano,
Povo de uma terra que, às vezes, te viu brilhar.*

*Mas o vento ainda pode nos trazer a tua voz,
Talvez como o pássaro que sempre desejou ser,
Aí você entoaria "...eu sou um pássaro que vive avoando,
vive avoando sem nunca mais parar
ai, ai, saudade não venha me matar (...)
Abre a porta e a janela e vem ver o sol nascer..."*

Adeus, minha tia

À Clébia

Clébia, Kébia, Kebinha..

*Figura triste, às vezes ausente da vida,
mas sempre presente na minha ou na dos outros sobrinhos,
aos quais nunca negou os braços para ninar.*

*Se o tempo nos desse mais uma chance, talvez pudéssemos te ouvir cantar,
Melodias de Gal, Gil ou Caetano,
Povo de uma terra que, às vezes, te viu brilhar.*

*Mas o vento ainda pode nos trazer a tua voz,
Talvez como o pássaro que sempre desejou ser,
Aí você entoaria "...eu sou um pássaro que vive avoando,
vive avoando sem nunca mais parar
ai, ai, saudade não venha me matar (...)
Abre a porta e a janela e vem ver o sol nascer..."*

Adeus, minha tia

Agradecimentos

A Deus, por tudo;

À Carlinhos, meu companheiro, pelo colo ofertado nos momentos de angústia; pela caminhada ao meu lado nesse processo, às vezes silenciosa, às vezes questionadora e que tanto ajudou-me a superar os obstáculos;

Ao Lucas, meu filho. Sua autenticidade, muitas vezes, levou-me a refletir sobre minhas reais implicações nessa trajetória;

A meus pais, por terem me dado condições de existência e de ter chegado até aqui;

À minha mãe, em especial, por sempre ter me mostrado que, por maiores que sejam nossos problemas, ainda há espaço para mais uma vitória, para mais um sorriso;

À Viola, pela palavra sempre firme e encorajadora e por ter ousado comigo, mostrando-me ser possível concluir a viagem;

À Lia, por tudo que passamos: “mas foi bom!”;

Às amigas do SENECE – Sindicato dos Enfermeiros do Estado do Ceará, sem apoio de vocês teria sido difícil essa caminhada;

Ao grupo-pesquisador, Riomar, Odete Braide, Tia Célia, Ivan, Vera, Tia Maria, De Jesus, Adriana, Wagner, Clarice, Luzanira, Rubens, Sandro, Tia Odete, Ana, Marcos, Edmir, Eulênia, Christiane e Solange, por terem aceitado enfrentar esse desafio comigo;

À Jamaci, pelo incentivo permanente ao estudo;

Às pessoas que conheci durante o processo e que foram peças-chave nessa construção.

Amantes da Sociopoética, Análise Institucional e esquizoanálise: Jacques Gaulthier, Sandra Petit, Cláudia Mara, Valdênia, Rose, Sandro, Andréa, Rebeca, Marcílio, Antônio Rodrigues, Tonho, Wagner, Babi, Silvana, Shara, Gilda, Herci, Fabiano, Érica, Ernando, Tânia, Terezinha, Sandra Mara e, Eliane Dayse;

Ao GRUPPS – Grupo de Pesquisa em Políticas e Práticas de Saúde, por ter sido meu ponto de partida nesse processo e continuar dando-me condições de compartilhar e crescer;

Às colegas de mestrado, pelo prazer de uma convivência gostosa, aonde não nos furtamos realizar nossos desejos;

Às professoras e professores do mestrado, por terem me incentivado a sempre assumir uma postura crítica diante das coisas, dos fatos;

Aos funcionários da Pós-Graduação, pela acolhida;

Ao Programa de Pós – Graduação;

À FUNCAP e ao CNPq, pelo apoio financeiro;

Aos que não foram citados, mas que, com certeza, foram indispensáveis nesse caminhar.

ÍNDICE

RESUMO	9
1 UMA JUSTIFICATIVA POSSÍVEL	11
2 CONTEXTUALIZANDO	18
2.1 Um pouco sobre a prática assistencial prestada às crianças.....	21
2.2 Relação drogadição x A. B. C.	22
3 UM CAMINHAR METODOLÓGICO	30
3.1 O Caminho que se delineava: a análise institucional (AI).....	31
3.2 Por uma metodologia criativa.....	37
4 A. B. C. :CONSTRUINDO UMA REDE DE SUBJETIVIDADES	44
4.1 Dando a partida... esquentando os motores... negociando	44
4.2 Preparando a viagem.....	53
4.3 A Partida: novas produções, novas possibilidades.....	58
4.3.1 A água das nossas emoções	59
4.3.3 O Fogo incandescente.....	64
4.3.5 Um... dois... três... quantas você conta desta vez?.....	68
5 POR UMA MULTIVISIBILIDADE CRÍTICA	74
6 PRODUZINDO NOVOS CONCEITOS.....	83
7 DIÁRIO DE BORDO: O ENFOQUE DE UMA TRAVESSIA	88
7.1 Minhas implicações.....	89
7.2 Minhas angústias, meus prazeres.....	92
7.3 Restituindo.....	102
7.4 Cumprindo Objetivos.....	105
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
SUMMARY.....	112

RESUMO

O uso de drogas está presente na humanidade desde os primórdios da sua existência. Várias formas de combate a esse "mal" já foram pensadas, entretanto, a mesma sociedade que elabora estratégias para a extinção da drogadição, também a fomenta. Além disso, trata os drogaditos como loucos, marginaliza-os, pois, reconhecer o problema da drogadição é o mesmo que reconhecer suas contradições internas. Procuramos desenvolver essa temática com os trabalhadores do projeto A. B. C., ligado à Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará, que dirige suas ações à crianças e adolescentes que estão, segundo seus estatutos, em situação de risco pessoal e social. Para realizar este trabalho, consideramos ser imprescindível o uso de uma metodologia que nos levasse a um estudo inovador, entendendo que o contrário só contribuiria para reforçar posturas institucionalizadas. Assim, enveredamos por uma viagem através dessa temática, tendo como guia a Análise Institucional e sociopoética, dois referenciais de estudo que favoreceram o emergir revolucionário de um grupo, que experimentou, através da realização de oficinas, o exercício da auto-análise. A opção do grupo foi pela produção de um conceito de drogas e o resultado foi polifônico, multirreferencial, como foi o próprio grupo. Como resultado, o grupo conceitua que droga não é a substância química em si, mas os problemas familiares e o preconceito social em torno dessa temática, especificamente do usuário. Acreditamos que o tempo estará revelando que esses resultados não param por aqui. Uma coisa é certa, não somos mais os mesmos depois dessa experiência. Partimos para uma outra postura diante da vida, mais crítica, num sentido de produção, que, por ser múltipla, chamaremos de multivisibilidade crítica.

Capítulo 1

U MA JUSTIFICATIVA POSSÍVEL

*" (...) a confissão me é muitas
vezes uma vaidade, mesmo a
confissão penosa."
(Clarice Lispector)*

1 UMA JUSTIFICATIVA POSSÍVEL

O uso de drogas está presente na história da humanidade desde os primórdios da sua existência, quer utilizada com finalidades terapêuticas, religiosas ou lúdicas. Contudo, ao longo de sua trajetória, as pessoas têm percebido que o uso de substâncias capazes de alterar o comportamento dos indivíduos reflete negativamente em suas relações na família, no trabalho e na sociedade. Entretanto, a mesma sociedade que recrimina, pune e isola o já drogadito¹, dá condições para que o fenômeno da drogadicção exista (Kalina et al. 1999).

Isolar a problemática gerada pelo fenômeno da drogadicção é o mesmo que negar as contradições internas do próprio indivíduo, destes com outros e com a sociedade, na busca cotidiana pela sobrevivência.

Referindo-se à questão, Rotelli (1991, p.68) diz que “*o problema enfrentado (e, todavia sempre de um modo errado) é o da droga e não o da toxicodependência (...) nunca é interessante ouvir o parecer do toxicodependente*”. As histórias individuais de cada um parecem não interessar. As dimensões subjetivas são relegadas a um plano qualquer, sob pena de que, reconhecendo-a, reconheça-se, também, a incapacidade que a sociedade tem tido para lidar com o problema.

Para ele, a droga atrai, seduz, daí que as ações de enfrentamento deverão ser mais sedutoras e não apenas institucionais. Não se trata de assumir uma lógica permissiva, mas, também, não é só manter a outra face dessa moeda, que é a repressão. Esta sempre existiu e não conseguiu solucionar o problema.

A apreciação dos aspectos acima colocados me² fez refletir, a princípio, sobre o que poderia ser proposto como algo inovador e criativo, dentro de uma

¹ Esta expressão refere-se a junção de duas palavras: “droga” + “adito”. Para Kalina (1999) a palavra adito significa, etimologicamente, escravo.

² Embora a academia estimule a escrita impessoal, optei por utilizar a primeira pessoa do singular. Noutras vezes, entretanto, foi necessário utilizar a primeira pessoa do plural.

perspectiva preventiva, nessa área de estudos da dependência química, principalmente relacionado à prevenção primária.

Entretanto, algo que poderia se colocar, não como fator impeditivo para a realização de uma pesquisa, que se pretende instituinte, no sentido da implementação de uma prática que, partindo dos próprios sujeitos da história, pudesse estar revelando toda essa dimensão criativa e sedutora, como colocado anteriormente, mas, talvez, dificultar um pouco minha caminhada nesse processo, seria a falta de experiência profissional nessa área.

Embora não ter experiência profissional com dependência química pudesse ser uma desvantagem, havia motivações fortes para me lançar a este estudo. Motivações que mais poderiam ser chamadas de implicações³, considerando que, entre o ato de pesquisar e a pesquisa não há uma distância, não há neutralidade, mas pesquisador e objeto estão muito próximos, mais até do que possam crer (Lourau, 1993).

Para não fechar os ouvidos a uma voz interior, que nos alerta sobre a impossibilidade de uma neutralidade no ato de pesquisar, como diz Lourau (1993), passei então a considerar fatos na minha vida, que apresentam relação com o que hoje me proponho a investigar, nessa trajetória, ainda iniciante, de pesquisadora.

Desses fatos, destaquei dois dentre aqueles que tomei como sendo os mais importantes: o primeiro, tornar pública minha opinião em relação à dependência química, o segundo, poderia ser considerado como a semente de uma futura vida profissional, que foi o meu desejo, ainda na adolescência, de trabalhar num centro de recuperação para mulheres com dependência química.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, não é tão fácil, pois significa mexer com “segredos” escondidos, guardados em gavetas da vida, por vezes ocultos até de mim. Ao considerar a possibilidade de trabalhar com dependência

³ Segundo Lourau(1993:16): “Quando falamos em implicação com uma pesquisa, nos referimos ao conjunto de condições da pesquisa. Condições inclusive materiais, onde o dinheiro tem uma participação tão ‘econômica’ quanto ‘libidinal’.

química, estava admitindo, também, a possibilidade concreta de me expor, pois teria que assumir, publicamente, minha posição em relação ao assunto.

As instituições das quais fazemos parte desde a hora em que nascemos, deixam em nós marcas para o resto da vida. Com alguns pontos-de-vista concordamos ou parecemos concordar, se não dizemos ou agimos ao contrário. De outros, logo a princípio, discordamos.

A influência mais forte que recebi vem da Igreja Evangélica, da qual sou membro desde a adolescência. Muito cedo descobri que uma relação íntima com Deus passava ao largo de muitos dogmas colocados pela Igreja, pois dogmas prendem e Deus é liberdade. Sendo assim, nem sempre estou fechando com posições por ela assumida.

No que diz respeito à drogadição, por um lado, até que a Igreja avança ao considerar que uma relação íntima com Deus favorece a libertação do vício. Tudo bem, pois creio que isso é até mais forte, uma vez também que acredito que Deus leva em consideração a pessoa do jeito que ela é. Nós não precisamos de máscaras para estar com Deus, ao contrário, elas precisam não existir para termos uma relação autêntica. Infelizmente, a Igreja falha ao negar a dimensão do sujeito e se apegar à droga em si.

Terminei por admitir, que entrar nesse estudo estava sendo, mais uma vez, a minha forma de quebrar resistências, de dizer o meu “não” ao que já está estabelecido como certo, como hegemônico. Porque o correto nesse aspecto da drogadição era considerar a droga uma droga, o drogadito um vilão desobediente, que vai usar aquilo que sabe que vai fazer mal e só. E só? E a história de vida dessa pessoa, e o porquê dele ter tido essa opção, será que o problema é mesmo a substância química em si? Não creio, prefiro acreditar que o maior problema é o nosso, enquanto sociedade, por não quisermos admitir a podridão que é a nossa organização e que, como diz Kalina (op. cit.), está revelada, posta na rua, sem possibilidade de volta.

A outra vertente das minhas implicações estava relacionada com as motivações profissionais. Como disse anteriormente, muito cedo desejei trabalhar

num centro de recuperação de dependência química para mulheres. Naquela época já existia, em Fortaleza, um serviço nessa área, só que voltado apenas para a clientela masculina. Pessoas envolvidas com a direção daquela organização passaram a considerar a possibilidade de estruturar uma unidade para atendimento feminino, dentro da mesma linha de trabalho.

Para mim, que achava muito interessante tudo que se referisse à psiquê das pessoas, não hesitei quando fui convidada a participar de um grupo que se reunia para discutir assuntos nessa linha e que, provavelmente, poderia ir trabalhar no centro de recuperação feminino, quando ele passasse a funcionar.

Devido a dificuldades de acompanhar o grupo, em função da minha pouca idade e dos horários das reuniões, terminei por afastar-me e até mesmo deixar de lado, por algum período, aquele meu desejo. Há uns dois anos voltei a encontrar-me com uma das pessoas ligadas àquela mesma entidade de antes, que informou-me, inclusive, não ter sido ainda concretizado o trabalho com mulheres. A mesma pessoa fez-me, ainda, uma outra proposta: montar um serviço nessa mesma linha da dependência química, só que em nível ambulatorial. Não demorei muito para aceitar, mas a falta de experiência na área era algo concreto, porém, não impossível de se resolver.

Entretanto, passei a perceber a importância de não permitir que minha inexperiência na área se tornasse um entrave para aquela possível realização. Foi assim que resolvi investir numa formação que me desse condições de seguir em frente. Julguei encontrar no curso de mestrado as condições necessárias para o que pretendia, entendendo que, a partir de uma pesquisa aprofundada no assunto (trabalho exigido para a elaboração da dissertação), estaria dando os primeiros passos em direção ao meu objetivo.

Nesse processo de formação fui percebendo, a partir de contatos estabelecidos com organizações que trabalham na recuperação de drogaditos, por ocasião do cumprimento de demandas das disciplinas do curso de mestrado, dois fatos que me intrigaram bastante: primeiro era a forma de abordagem, totalmente mantenedora de um discurso institucional questionado pelos autores

acima mencionados; e segundo, o preparo dos trabalhadores que lidam diretamente com eles.

Preocupou-me muito o fato de ter encontrado, nos locais anteriormente mencionados, a realidade desses trabalhadores não terem um preparo anterior para aquilo que estavam fazendo e, pior, não receberem suporte terapêutico adicional para ajudá-los a lidar com suas próprias dúvidas. Como poderiam, então, aqueles trabalhadores, assumir uma outra postura que não fosse somente reproduzir o discurso já institucionalizado sobre o drogadito? (Rotelli, *op. cit.*).

Um outro fato veio somar-se aos anteriores e que só contribuiu para aproximar-me do que estava pretendendo. Isso aconteceu quando fiz uma pesquisa para um estudo de caso com um usuário de drogas, como demanda de uma das disciplinas do curso.

No referido estudo, entrevistei um adolescente usuário de drogas que, questionado sobre como havia iniciado o uso das mesmas, referiu ter tido sua primeira experiência, aproximadamente, aos 7 anos de idade, ocasião em que participava de um dos cursos oferecidos por um A.B.C. (Aprender, Brincar, Crescer – um dos projetos ligados à Secretaria de Trabalho e Ação Social) de Fortaleza. A droga, segundo ele, foi repassada por um colega de curso, sendo que o mesmo roubava do pai que, por sua vez, era traficante.

Questionei-me por quê, em um projeto destinado a trabalhar com crianças e adolescentes, que também eram susceptíveis ao uso de drogas (como qualquer outra pessoa), um caso assim poderia se dar? Teria passado despercebido? Não tinha o projeto estratégias estabelecidas para prevenir e/ou combater o seu uso? Como pensavam e agiam os trabalhadores do projeto A B. C. em relação a tal situação?

Provavelmente as respostas estariam lá, porém não explícitas, não-ditas, necessitando, talvez, de um dispositivo para deflagrá-las. Foi então, a partir daí, que me decidi a buscar, juntamente com aqueles trabalhadores, o seu modo de ver, de apreender essa questão da drogadição.

Mesmo sendo muito importante o que Rotelli (1991) diz sobre considerar o parecer do drogadito, não creio estar caminhando na direção contrária, uma vez que se torna também necessário ouvir o parecer daqueles que trabalham com os mesmos, alguns até com possibilidades de terem passado por essa situação antes ou de estarem vivendo ela agora.

Sendo assim, pretendo com o presente estudo, apreender a percepção do grupo-pesquisador com relação à drogadição, partindo de três objetivos especificamente, quais sejam: Favorecer um espaço para a construção do processo de auto-análise do grupo pesquisador quanto à drogadição; Vivenciar uma prática de pesquisa participativa, desencadeadora do potencial criativo das pessoas como fonte de conhecimento; Identificar junto ao grupo-pesquisador, aspectos relativos à prevenção ao uso de drogas.

Desejei que todo o processo desse estudo produzisse uma verdadeira revolução em todos os envolvidos.

Capítulo 2

C ONTEXTUALIZANDO

*“Encontros, confrontações,
descobertas e resistências: pesquisar
é o ato de descrever essas linhas e
tomar consciência, coletivamente,
dos percursos que elas atualizam:
Sobrecontextualizar, e não
descontextualizar.”*

(Gauthier)

2 CONTEXTUALIZANDO

De acordo com o periódico *ONU em Foco* (Nações Unidas, 1998), o avanço do narcotráfico e o consumo de entorpecentes mobilizaram os países membros da ONU (Organização das Nações Unidas) a elaborarem uma estratégia mundial de combate às drogas. Para Wright (1998) é urgente a necessidade de um trabalho em conjunto, de modo que as estratégias de colaboração e as relações internacionais enfatizem a segurança da saúde internacional.

No Brasil, talvez como consequência dessa mobilização, algumas alterações já foram realizadas, em nível governamental, com a criação, em 1998 (através do Decreto Nº 2.632, de 19/12/98), da Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD, à qual compete, entre outros, propor a política nacional antidrogas. (Senad, 1998).

No Ceará, por enquanto, existem alguns serviços que já trabalham junto a drogaditos, com um programa de atendimento ambulatorial ou de internação. Os mais conhecidos são: Desafio Jovem do Ceará, Vila Serena, Volta Israel e Elo de Vida. Este último, ligado à rede pública estadual.

Naqueles onde existe internação, os drogaditos passam por um processo de desintoxicação, permanecendo internados por um período que varia de 28 dias, no mínimo a 8 meses, no máximo. Esse processo de desintoxicação significa abstinência total à droga, entretanto, o drogadito recebe acompanhamento médico e psicológico para tratar os efeitos provocados pela abstinência. Existe, ainda, um acompanhamento que é dado à família e consiste em palestras educativas e orientações sobre o tratamento.

O público-alvo desses serviços é formado por dependentes de álcool e outras drogas. No caso da Vila Serena, são atendidas ainda pessoas que têm outras compulsões, como por exemplo: sexo, comida e jogo. O Desafio Jovem do

Ceará e o Volta Israel trabalham, ainda, com orientação espiritual junto aos internos. O atendimento é prestado a adolescentes, a partir de quinze anos, em média, até a idade adulta.

O sucesso dessas mobilizações não depende delas, exclusivamente, uma vez que a problemática das drogas sugere transversalidade de fatores. Dessa forma, qualquer medida que se pretenda implementar, deverá levar em consideração essa realidade.

Várias ações, como prevenção, tratamento e medidas de controle, deverão ser viabilizadas, entretanto, entendo que a prevenção primária deva ser a tônica dessas medidas. A mesma é uma estratégia ousada, porém, viável, se for considerado que a intenção não é evitar que os indivíduos usem drogas, até porque elas sempre existirão, mas, prevenir o uso indevido das mesmas.

Estudos como o de Carlini et al. (1997) apontam para o fato de que o uso indevido de drogas tem se iniciado cada vez mais cedo (por volta dos dez anos de idade), em ambos os sexos. Isto nos sugere, então, que as medidas de prevenção deverão ser iniciadas cedo, com o objetivo de captar o indivíduo antes que ele tenha uma primeira oportunidade de acesso às mesmas.

Para viabilizar as estratégias de prevenção, o envolvimento de todos é necessário: governo, sociedade civil organizada, usuários, familiares e profissionais. Entre estes últimos, os da saúde, de onde pinçamos a enfermagem, que, nesse momento, não deve limitar sua atuação como consequência da prática médica, mas, também, intervir de forma inovadora e consequente. Sua intervenção deve ser contextualizada e influenciar os espaços de tomada de decisão (Egry & Sena-Chompré, 1998).

Sendo assim, dirigi o presente estudo para um dos projetos do Programa Vivendo e Aprendendo, vinculado à Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará (SETAS), voltado para crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 17 anos, de ambos os sexos, em situação de risco pessoal e social⁴, que é

⁴ Costa (1989:38) considera como *situação de risco pessoal e social* e, portanto, destinatário das políticas de assistência social "... as pessoas, famílias, e comunidades privadas de acesso a condições mínimas de bem-

o Projeto A.B.C – Aprender, Brincar e Crescer. O projeto é desenvolvido em ação compartilhada com a comunidade, através de uma representação comunitária responsável pelo gerenciamento dos recursos e operacionalização do mesmo (FEBEMCE, 1998).

O Projeto A. B. C. conta com 14 unidades localizadas nos bairros periféricos de Fortaleza, 01 na Região Metropolitana (Caucaia) e 01 no interior do Estado (Sobral), com capacidade para atender, em média, 1.200 crianças e adolescentes/mês, para o desenvolvimento de diversas atividades profissionalizantes, sócio-educativas e de lazer.

Atualmente, o Projeto A. B. C. encontra-se vinculado diretamente à SETAS. Anteriormente, intermediava esse vínculo a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará – FEBEMCE, a qual foi extinta através do Decreto Nº 25.679, de 29 de Novembro de 1999, e que teve seus efeitos adiados pelo Decreto Nº 25.704, de 14 de Dezembro de 1999. Entretanto, conforme Decreto Nº 25.706, de 15 de Dezembro de 1999, os programas, com seus respectivos projetos, foram mantidos (D.O. E – 17/12/99).

Para a realização da pesquisa escolhi uma das unidades do projeto, desenvolvendo a mesma junto aos trabalhadores dessa mesma unidade, os quais constituíram o que veio a ser o grupo-pesquisador.

Inicialmente, foi realizado contato com o núcleo de co-gestão da SETAS, com a equipe de trabalhadores do projeto A.B.C., com a direção da Associação Comunitária e com a Comissão Comunitária, todos responsáveis pela execução do Projeto.

A equipe envolvida diretamente no Projeto A.B.C. é formada por: Gerenciador – representado pela associação comunitária, o qual também é membro da comissão comunitária; Coordenador; Auxiliar de Coordenação; Instrutor/Monitor; Auxiliar Administrativo; Auxiliar de Serviços Gerais; Cozinheira; Auxiliar de Cozinha; Vigia e Folguista do Dia, totalizando 28 pessoas.

estar e de dignidade e bloqueadas, por isso mesmo, do acesso ao exercício pleno da cidadania, em suas dimensões civil, política e social.”

O ingresso desses trabalhadores no projeto A.B.C. ocorre mediante processo seletivo, obedecendo aos seguintes critérios: idade mínima de 18 anos; 2º grau para coordenadores, monitores administrativos; 1º grau para instrutores; 1º grau incompleto para as demais categorias e residir na comunidade. O serviço é voluntário e gratuito, entretanto, poderá ser concedido um auxílio social, a critério da entidade gerenciadora, com exceção dos instrutores dos cursos profissionalizantes, que recebem por hora/aula (SETAS/FEBEMCE, 1996).

Admitindo ser importante o que foi colocado na exposição das justificativas do presente estudo, a respeito do despreparo dos trabalhadores que lidam com os drogaditos, somado ao que foi dito pelos autores supracitados sobre a necessidade de uma ênfase na prevenção primária, acreditei estar no caminho certo ao optar realizar o mesmo junto aos trabalhadores do A.B.C.

Chamaremos trabalhadores não só aqueles cujas profissões poderiam ser caracterizadas como profissões do social⁵, mas, também, outros de nível médio e elementar que estão envolvidos nesse trabalho.

2.1 Um pouco sobre a prática assistencial prestada às crianças

Segundo Costa (1989) a assistência ao menor nasceu com uma visão correcional-repressiva, que guardava grande coerência com a forma de se entender o problema, sob influência, ainda, dos primeiros anos da República, onde os dirigentes máximos diziam que a polícia deveria se encarregar dos problemas sociais. Essa visão se tornaria muito evidente nas ações do SAM (Serviço de Assistência ao Menor, do Ministério da Justiça), por volta dos anos 50.

Com o regime militar iniciado em 1964 e a publicação da Lei Nº 4.513 (01/12/64), que determinava as diretrizes e bases para uma política nacional do bem-estar do menor, foram criadas a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem-

⁵ Guilhon apud Costa (1998:17) considera como profissões do social: “... *um amplo campo de ação profissional que se estende da Psicologia ao Serviço Social, englobando a Sociologia e ramificando-se numa série de atividades técnico-assistenciais e de cunho clínico, tais como Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, etc.*”

estar do Menor) e as fundações estaduais – FEBEM (Fundação Estadual do Bem-estar do Menor), para executar uma política, com características assistencialistas.

A idéia era de que, com essas modificações, o enfoque correccional-repressivo fosse superado. De fato, passou-se a ver o menino, antes perigoso, como um carente. Entretanto,

“...a FUNABEM, ao ser criada, bem como muitas de suas congêneres estaduais, herdou do órgão antecessor prédios, equipamentos, materiais e, sobretudo, pessoal – e com esse pessoal a cultura organizacional do passado” (Costa, 1989, p.46).

Ainda, segundo Costa (1998, p.30-31), a prática dos profissionais que atuavam nessa área, teria as seguintes características:

*“...seria evitada de uma concepção **assistencialista**, disciplinadora, heterônoma e burocrática(onde a reflexão e ação encontram-se amiúde dissociadas); reprodutora das relações de dominação e, portanto, mantenedora da ordem instituída; alheia à dinâmica social mais ampla e defasada em relação aos avanços técnicos e teóricos das ciências que lhe dão suporte; ao mesmo tempo, uma prática que oprime e é crivada pela opressões dos dispositivos de poder que operam numa instituição total: “abandonados”, seriam, além das crianças e adolescentes, os agentes por eles responsáveis”.*

Essas colocações só reforçam nosso questionamento em relação à preparação desses trabalhadores para executarem uma prática relacionada à assistência a crianças e adolescentes. Afinal, a temática da drogadição está elencada como um dos fatores de risco. Estariam esses profissionais, mesmo após momentos de avanço, como na década de 70 do séc. XX, quando a criança passou a ser vista como sujeito da sua história ou após a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), dispostos a repensarem suas práticas, levando em consideração o contexto onde elas estão inseridas? A deixarem emergir suas subjetividades, a revolucionarem os ambientes institucionais?

2.2 Relação drogadição x A. B. C.

A problemática das drogas parece ocupar cenário maior do que o que podemos imaginar. Qual seria então a relação de um assunto como este com o tipo de trabalho a que se propõe um projeto como o A.B.C? Acreditamos que já temos uma primeira resposta, ao estar incluída a drogadição nas chamadas

situações de risco pessoal e social. Seguindo-se a isto, consta, entre as atividades as quais o A.B.C. se propõe a desenvolver, programações sócio-educativas, apoio e incentivo à escolaridade, atividades artísticas, culturais esportivas e de lazer. Entendemos ser este um campo onde a problemática da drogadição está embutida, quer para preveni-la e/ou combatê-la (FEBEMCE, 1999).

Vejamos então alguns aspectos que são importantes para entendermos a relação drogadição x Projeto A.B.C. Inicialmente, consideramos que vários são os fatores predisponentes que levam uma pessoa a um comportamento drogaditivo. Esses fatores podem ser encontrados no próprio indivíduo, na família ou na sociedade à qual pertence, ficando muito claro que eles não são elementos separados, mas intrínsecos uns aos outros.

Diríamos, ainda, que um comportamento drogaditivo pode estar relacionado, não só ao uso de drogas lícitas ou ilícitas, mas, ao que Rolnik (1997) chama de "*toxicomania generalizada*", referindo-se às agressões feitas aos indivíduos por diversos meios, resultando em uma agressão à subjetividade, quais sejam: 1) as drogas fabricadas pela indústria química, sustentadas pelo amparo da psiquiatria biológica; 2) as drogas oferecidas pela TV, canais a cabo, etc., produzindo indivíduos-clone; 3) as drogas oferecidas pela literatura do tipo auto-ajuda e alguns tipos de terapia e as drogas oferecidas pela tecnologia diet/light.

Essa interpretação da autora encontra amparo, ainda, quando Kalina et al. (1999, p.123), no capítulo que trata sobre as "*As adições socializadas: uma interpretação histórica das causas dos hábitos tóxicos do habitante das cidades*", dizem que:

"...atualmente, as drogas e a toxicomania em todas as suas formas configuram a muralha imaginária detrás da qual o adito procura proteção, tentando salvar-se do aniquilamento que o ameaça tanto subjetivamente quanto objetivamente..."

Kalina (1999, p.19) considera ainda a drogadição como uma conduta psicótica e o delírio "*... em sua acepção mais ampla - como um emergente histórico de caráter psicossocial...*". Para ele, da mesma forma que a sociedade

sempre isolou o louco, isola o drogadito, como uma forma de manter ocultas as suas próprias contradições.

Entretanto, Kalina (1999) lembra, ainda que, fatores relacionados à formação da estrutura da personalidade do indivíduo corroboram para que este fenômeno aconteça. Baseando-se em autores importantes da psicanálise freudiana, afirma que a drogadição tem um núcleo psicótico pelo fato do adito não suportar as perdas e usar as drogas para eliminar a ansiedade da espera e a angústia da frustração.

Paiva (1988, p.33) define a drogadição a partir da seguinte equação: o momento sócio-cultural, a droga e a personalidade, existindo então motivações externas (fatores sócio-culturais e prazer) e internas (personalidade) e,

“...às vezes pode ser difícil separar as várias motivações umas das outras, já que dentro da vida de uma pessoa e da sua história, elas se intrincam na subjetividade, adquirindo valores individuais. Assim, aquilo que é “externo” sempre tem uma repercussão e um significado “interno”.

Um outro aspecto relevante para entendermos a problemática das drogas é a importância da prevenção, tendo a mesma um papel fundamental no âmbito dos debates relativos a drogadição. Essa questão tem mobilizado organizações e profissionais de todos os setores devido a alguns fatores, destacando-se o fato de que o início do uso de drogas está se dando em faixas etárias cada vez mais precoces.

De acordo com Carlini et al. (1997, p.105), após pesquisa realizada com 15.503 estudantes de 1º e 2º graus de 10 capitais brasileiras, notou-se este uso inicial de drogas precoce, pois, *“7,6% deles, com idade entre 10-12 anos, já fizeram uso na vida⁶ de solventes; 2,3% usaram ansiolíticos e 2,0% já utilizaram anfetamínicos nessa mesma faixa etária”*. Diante dos fatos é que recomendam o início precoce dos programas preventivos antes dos dez anos de idade.

Maierovitch (1998), atual responsável pela Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD), em entrevista à revista Mind diz que, pela primeira vez, o Brasil

⁶ A expressão refere-se ao uso de qualquer droga psicotrópica pelo menos uma vez na vida (Carlini, 1997).

reconhece oficialmente que existe o problema do narcotráfico em seu território e que é preciso combatê-lo. O Brasil é corredor para a passagem de drogas.

Um outro momento onde se pode constatar o incômodo de profissionais e autoridades com o assunto em questão, está no relatório preliminar do I Fórum Nacional Antidrogas (SENAD, 1998), onde as temáticas de discussão se dividiram em quatro grupos de trabalho (prevenção, tratamento, repressão e grupo global). Em relação à prevenção, ressaltaram a importância de ações planejadas, associadas a outras medidas que visem a melhoria das condições de vida de seus usuários.

Uma das estratégias apontadas para a prevenção é a “*redução de danos*”, já utilizada em alguns países da Europa e no Canadá. A redução de danos consiste, segundo Wodak (1998, p.55), em

“uma tentativa de minimizar as conseqüências adversas do consumo de drogas do ponto de vista da saúde, dos seus aspectos sociais e econômicos, sem, necessariamente, reduzir esse consumo”.

De acordo com Marlatt (1999 p.29):

“a redução de danos é um movimento internacional que surgiu em resposta à crescente crise da AIDS na década de 80, (...) embora as origens dessa abordagem aos problemas com drogas possam ser remontadas ao século XIX...”.

No Brasil, duas capitais, Santos-SP e Porto Alegre-RS, já vêm implementando essa estratégia com sucesso (Bastos et al, 1998).

Entendemos que uma política única de combate às drogas não existe. Urge que ela seja planejada e executada com o envolvimento de todos os atores sociais, respeitando as peculiaridades e a realidade sócio-econômico-cultural em que a população está inserida.

É importante ressaltar o papel da escola nesse contexto, entendendo que um indivíduo passa parte do seu tempo nela (apesar de ser público o fato de que o Brasil é um país de analfabetos) e a importância que a mesma tem para a formação dessa pessoa.

*Porto Alegre
uma política
uma política
HCC*

Costa & Gonçalves (1988) ressaltam que a escola se limita a ser mera transmissora de informações sobre as drogas e seus efeitos e ainda que tal assunto só é tratado nas disciplinas de ciência e biologia, por acreditar que os professores de tais disciplinas estariam mais capacitados para fazê-lo. Entretanto, chamam atenção para a necessidade de que os professores de outras disciplinas sejam igualmente capacitados.

Atualmente, esse enfoque não é mais admissível, a abordagem deve ser dinâmica, ousada, como diz Rotelli (1991 p.71): *“o que fazer? É óbvio: ser mais sedutores que a droga, saber desencadear circuitos de ampliação não-químicos concorrentes”*.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional ou Lei Darcy Ribeiro (L.D.B. - Lei Nº 9.394, de 20/12/96) sugere avanços em relação a esse assunto quando estabelece, no artigo 26, parágrafo 1º, que os currículos do ensino fundamental e médio devem abranger, entre outros aspectos, *“...o conhecimento da realidade social e política, especialmente do Brasil”*. Conhecer a realidade do Brasil passa, obrigatoriamente, por uma discussão acerca da problemática da drogadição (MEC, 1996).

Somando-se a esse postulado da nova lei, existem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – os quais referem que algumas temáticas, como a da drogadição, serão trabalhadas nos currículos como *“temas transversais”*, significando que não serão restritas ao conteúdo de uma só disciplina (MEC, 1998).

Assim, nos parece haver a intencionalidade de uma abordagem diferenciada, numa perspectiva de interdisciplinaridade. Sobre isso, refere Fazenda apud Meirelles & Erdmann (1999 p.154):

“Em termos de interdisciplinaridade, ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados, dependendo de uma atitude cuja tônica primeira será o estabelecimento de uma intersubjetividade”.

Apesar dessas propostas de debates e interdisciplinaridade, alguns autores, dentre os quais citamos Pereira Sá (1998) e Leitinho (1998), comentam

sobre aspectos relativos à democratização do processo de viabilização e implantação das novas diretrizes para a educação. Sobre a Lei Nº 9.394/96, refere Pereira Sá (1998 p.13):

“...a Lei Darcy Ribeiro poderá vir a ensejar uma revolução na educação, mas, para tanto, medidas complementares deverão ser efetivadas, no âmbito da administração federal, estadual, municipal e na própria sociedade.”

À respeito dos PCNs, comenta Leitinho (1998, p.43):

“...o debate sobre os PCNs está colocado, agregando tanto posições conservadoras como progressistas. E isso, com certeza, tomará mais amplo o processo de validação da proposta, embora tenhamos de insistir em sua carência no que toca a princípios mais democráticos que integrem concepção e execução, numa relação dialética onde o diálogo entre os agentes sociais se estabeleça de sorte a que o currículo seja, de fato, uma construção socialmente negociada.”

Essas colocações nos chamam atenção, pois tornam claro o que já vínhamos ponderando, desde o início, a respeito de estratégias para prevenção e/ou combate da drogadição: a necessidade de um amplo envolvimento de todos os atores sociais, sob pena de que o único resultado seja o seu recrudescimento.

Finalmente, de acordo com o relatório preliminar do I Fórum Nacional Antidrogas (SENAD, 1998), existem duas formas de intervenção que podem ser realizadas na escola: Prevenção primária (antes do primeiro contato com as drogas); e Prevenção secundária (antes da instalação da dependência). As ações para viabilizar essas intervenções seriam: junto a familiares e educadores, agindo na diminuição da demanda em relação às drogas; e em nível de fatores de risco ou fatores de proteção, agindo, principalmente, na interface oferta/demanda.

A viabilização do que foi exposto acima está mais uma vez relacionada com uma ampla participação de todos os setores sociais, como condição indispensável de garantir ações concretas.

No que se refere à legislação, no Brasil, a última lei publicada sobre a temática (Lei Nº 6.368 de 21/10/76), dispõe *“sobre medidas de prevenção e repressão do tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica e dá outras providências”* (Greco Filho, 1996).

*Interessante!
Procurar fonte*

Destacamos três artigos da Lei Nº 6.368/76:

- *“Artigo 1º- É dever de toda pessoa física ou jurídica colaborar na prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica”. Aos que são considerados pessoa jurídica e que recebem subvenção de municípios, estados ou união ou ainda de órgãos da administração descentralizada, a sanção pela recusa da colaboração nos planos e programas governamentais é a perda desses auxílios ou subvenções. (Greco Filho, 1996, p.48).*
- Artigo 4º- refere-se à responsabilidade dos dirigentes de estabelecimentos de ensino, hospitalares, entidades sociais, culturais ou recreativas, sob a orientação técnica de autoridades especializadas, viabilizarem medidas necessárias de prevenção ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que provoquem dependência. O não cumprimento implica em sanções.
- Artigo 5º - trata de que essa temática deve ser abordada nos cursos de formação de professores, assim como constar nos programas das disciplinas da área de ciências naturais. Em relação a isso fazemos ressalva à lei, uma vez que, conforme já foi dito, há a necessidade da inserção da temática em disciplinas de outras áreas.

À parte o caráter punitivo, vale ressaltar algum direcionamento legal em relação ao assunto drogadição, no que diz respeito ao item prevenção. Entretanto, é sempre bom lembrar que só o fato de estar institucionalizada a questão, não garante sua viabilização.

Finalizamos, assim, os aspectos que consideramos importante ressaltar na abordagem das discussões relativas à drogadição, por sua proximidade do nosso objeto de estudo.

Capítulo 3

U M CAMINHAR METODOLÓGICO

*“O poeta tem alma de arquiteto
Ambos traçam fios em artesanato
Do abstrato um desenha o concreto
Do concreto outro escreve o abstrato”
(Alessandro Sales)*

3 UM CAMINHAR METODOLÓGICO

A princípio tinha a idéia de abordar o objeto de estudo sob o enfoque, exclusivamente, do materialismo histórico-dialético. Entretanto, ao mesmo tempo em que considerava as dimensões “macro” do mundo do trabalho (divisão social do trabalho, trabalho assalariado, etc.) como fatores geradores da insatisfação, muitas vezes, do trabalhador com a organização para a qual vende sua força de trabalho, sentia que “*algo mais*” era, também, responsável por essa “*insatisfação*”, algo não percebido pela estrutura institucional.

Essa dimensão que na ocasião me escapava, saberia mais tarde, tinha relação com as implicações desses trabalhadores, daí ter ido buscar em outros referenciais suporte necessário para caminhar. Foi então que me encontrei com o chamado Movimento Institucionalista que tem, entre suas bases, segundo Baremlitt (1984), Marx, Freud e Nietzsche, contrapondo-se a um racionalismo crítico - idealista (Descartes, Kant e Hegel) e um outro vetor, também importante, o do ideário anarquista e ainda o peso atribuído ao saber da produção artística.

Para Baremlitt (1984, p.19) é difícil enumerar todos os acontecimentos (grandes e pequenos) que possam ter incidido na formação do institucionalismo, porém, diz que:

“o Movimento Institucionalista desenvolveu-se geralmente como opção não-oficial dentro do capitalismo do Estado, das diversas socialdemocracias, dos sistemas de transição ao socialismo, etc.”.

Parecia ter descoberto o caminho, entretanto, foi necessário esclarecer qual seria a minha relação com o Movimento Institucionalista. É importante neste momento dizer o que é o Movimento Institucionalista, embora já tenha falado sobre suas raízes. De acordo com Baremlitt (1994 p.11):

“o Movimento Institucionalista é um conjunto heterogêneo, heterológico e polimorfo de orientações, entre as quais é possível encontrar-se pelo menos uma característica comum: sua aspiração a deflagrar, apoiar e aperfeiçoar os processos auto-analíticos e auto-gestivos dos coletivos sociais.

A auto-análise e a auto-gestão constituem, então, os dois objetivos básicos do institucionalismo. Para Baremlitt (1994 p.17):

“a auto-análise consiste em que as comunidades mesma, como protagonistas de seus problemas, de suas demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um vocabulário que lhes permita saber acerca de sua vida. E não que alguém venha de fora ou de cima para dizer-lhes quem são, de que necessitam e o que devem pedir, o que procurar conseguir e o que puderam ou não conseguir.”

Ainda para o mesmo autor, os dois processos são simultâneos. À medida que o primeiro ocorre o outro – a auto-gestão – também se processa, com a comunidade se articulando, se institucionalizando, se organizando para construir, ela própria, seus dispositivos⁷ necessários para produzir ou conseguir os recursos de que precisa para melhorar sua vida.

Como já falei anteriormente, o institucionalismo é formado por várias fontes, as quais influenciam as suas principais correntes: a Análise Institucional (R. Lourau e Lapassade); a Sociopsicanálise (G. Mendel) e a Esquizoanálise (Deleuze e Guattari). Ainda assim, vindo basicamente das mesmas fontes, guardam entre si diferenças que não as tornam “incompatíveis”, mas revelam sua abertura às transversalidades, atravessamentos que perpassam os sujeitos em suas relações.

De acordo com Baremlitt (1994), para Mendel, era possível a articulação de uma concepção relativamente tradicional da Psicanálise, com uma similar do Materialismo Histórico, produzindo uma forma moderada de abordagem das organizações e instituições. Na Análise Institucional e na Esquizoanálise, entretanto, essas abordagens são mais enérgicas, ativas, subversivas.

3.1 O Caminho que se delineava: a análise institucional (AI)

Ainda pendente ao uso do materialismo histórico-dialético como referencial teórico-metodológico para minha pesquisa, tive a oportunidade de realizar, juntamente com uma companheira do mestrado, uma oficina abordando a questão da interdisciplinaridade com a equipe de saúde mental de um hospital-dia

⁷ Segundo Gauthier (1999, p.13) um *dispositivo* “se caracteriza por um (ou uns) lugar (es), um (ou uns) tempo(s), ritmos, pessoas, objetos, dinheiro, tarefas, que permitem ‘objetivar’, isto é, tornar visível o que era escondido na vida ordinária”.

da rede pública de Fortaleza⁸, como demanda da disciplina “Concepções Teóricas e Metodológicas do Trabalho com Grupos”. No período da realização dessa oficina, enquanto fazíamos a revisão de literatura, tivemos os primeiros contatos com a análise institucional, embora não tenhamos nos aprofundado.

A opção pela análise institucional como referencial teórico só se concretizou após o Exame Geral de Conhecimento do Curso de Mestrado, quando este projeto foi apresentado à banca examinadora. Até aquela ocasião, talvez por querer mostrar as influências do referencial materialista na minha vida, embora já sem muita certeza de que essa seria a melhor opção naquele momento, havia atribuído à sociopsicanálise de Mendel, o papel de referencial teórico da minha pesquisa, pelo fato de que, na minha visão, ela, dentre as outras correntes do movimento institucionalista, guardava mais proximidade com o referencial marxista.

Acatando a sugestão lúcida da banca e cedendo a algo que já havia percebido, optei por fazer os ajustes no capítulo do referencial, aproximando-me da análise institucional.

Lapassade (1983, p.13), uma das maiores referências na análise institucional, diz que nos grupos humanos, formados para cumprir qualquer objetivo que seja, há uma dimensão oculta, não revelada, porém, determinante, que é a dimensão da instituição. Sendo assim é que ele resolve “...*chamar de ‘análise institucional’ o método que visa a revelar, nos grupos, esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento*”.

Lourau (1984) refere que, conforme citado anteriormente, além das várias influências que a análise institucional recebeu, assim como as demais correntes do institucionalismo, a mesma sempre esteve ligada a movimentos autogestionários, notadamente ao de Maio de 68⁹.

⁸ MARTINS, F.C.C.L.; SILVEIRA, L. C. e BRAGA, V. A. B. **Equipe de Saúde Mental do Hospital-Dia: Produzindo a Interdisciplinaridade.** In. Políticas de Saúde, Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Avaliação e Métodos. Coord. FRAGA, M. N. O; BRAGA, V. A.B. E ALVES e SOUZA, A. M. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem – FFOE – UFC, 2001.

⁹ O autor se refere ao que ocorreu na Universidade de Nanterre/Paris, onde teve origem o Movimento Revolucionário de Maio de 68, na França.

Dos vários conceitos trabalhados pela análise institucional, alguns estarão presentes no corpo deste estudo, quais sejam: analisador, instituição, instituinte, instituído e institucionalização. O próprio autor considera como sendo um dos conceitos mais essenciais, o de análise da implicação.

Acompanhando as definições de Lourau (*op.cit.*), Baremlitt (1994) e Barbier (1985), esses conceitos podem ser explicados no presente estudo como sendo:

ANALISADOR: são acontecimentos que surgem, podendo “mexer” com os dispositivos de forma tal, a ponto de possibilitarem, de uma só vez, que a instituição seja revelada. Gauthier e Sobral (1998, p. 97) dizem que o analisador “...caminha em direção a uma contra-instituição, na qual as próprias relações de poder habituais são subvertidas no sentido da construção da auto-gestão...”. Segundo os mesmos autores, eles podem ser de três tipos: históricos; naturais ou reativos e construídos.

Gauthier e Sobral (1998, p.98) dizem que são analisadores históricos: um movimento popular que consegue organizar-se e construir formas comunitárias de exercer seu direito à cidadania, como por exemplo, o da reforma sanitária; naturais ou reativos: surgem inoportunamente, permitindo que sejam enunciadas e compreendidas as contradições da instituição. Ex.: uma funcionária de determinada organização que deseja participar de um evento muito importante para sua qualificação e os colegas reagem de várias formas (sob pretextos organizacionais e materiais, ideológicos ou libidinais), revelando o caráter neurótico do instituído; construídos: são dispositivos que se constroem com o propósito de revelar o que está escondido. É querer tornar os conflitos visíveis, audíveis, analisáveis, como se referem Gauthier e Sobral (*op. cit.*). Ex.: utilizar uma técnica sociopoética de pesquisa, que torna audível a fala do imaginário das pessoas envolvidas na pesquisa.

Os analisadores surgiram já no primeiro contato que tive com a equipe do setor de co-gestão da SETAS, identificados no receio que a mesma apresentou ao saber do meu interesse em estar realizando uma pesquisa dentro da sua área de domínio. Era a instituição do poder, que mais tarde viria a ser revelada,

também, na relação da facilitadora com o grupo, ainda que veladamente, ou na relação dos coordenadores do A.B.C com sua equipe. Mesmo tendo sido observada, a dimensão do poder não foi aprofundada pelo grupo ou pela facilitadora, posteriormente.

INSTITUIÇÃO: para a AI, instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória que se constrói na história ou no tempo, que, para Lourau (1993), pode ser de dez anos para a institucionalização de crianças deficientes ou de dez mil anos para a institucionalização da igreja católica. Para Barembliitt (1994, p.177), as instituições “ são árvores de decisões lógicas que regulam as atividades dos seres humanos, indicando o que é proibido, o que é permitido e o que é indiferente”. Para o mesmo autor, a instituição compreende um movimento que a gera, o instituinte; um resultado, o instituído e um processo, a institucionalização.

A instituição do poder está presente do começo ao fim nesse processo. Há uma tentativa de rompê-la a cada instante, mas sua raiz é muito profunda. Ainda assim, há uma inquietação no grupo-pesquisador, que, às vezes, é verbalizada, como observada em sua fala, ao dizer, em uma das oficinas, que, “...no ABC só tem chefe. Todo mundo só quer ser chefe”. Outras vezes essa inquietação é silenciosa e alguns membros do grupo “insurgem” contra seus coordenadores simplesmente não comparecendo às oficinas ou indo, mas não se envolvendo e deixando isso muito claro.

INSTITUINTE: é um movimento, geralmente revolucionário, que modifica e gera novas instituições. É o que rompe a ordem instituída. É o que contradiz.

Ao propor um novo conceito de drogas, o grupo-pesquisador foi instituinte, por ter a ousadia de tentar romper com o estabelecido, consolidado, embora, por vezes, tenha preferido se esconder atrás do instituído, talvez até como forma de proteção. Esse conflito foi mantido durante o processo, que pode mesmo ser entendido como contradições possíveis que existem dentro do instituído.

INSTITUÍDO: é o resultado da ação instituinte. Segundo Barembliitt (1994), se isso acontece uma primeira vez, se diz que se fundou uma instituição. O

instituído tende a permanecer imutável, numa tendência de manter o *status quo*. Ele deve estar aberto à ação do instituinte.

A luta constante entre instituinte e instuído tem como produto a institucionalização. Para o grupo-pesquisador esse processo, certamente, só teve seu início com a realização do presente estudo e deverá continuar até que um novo instituído esteja estabelecido, quer seja por uma modificação nas relações de poder ou mesmo por uma nova prática no que diz respeito ao novo conceito de drogas por ele criado.

ANÁLISE DA IMPLICAÇÃO: segundo Lourau (1993), a análise das implicações é o centro de todo o trabalho socioanalítico, que não consiste, apenas, em análises coletivas, mas analisar-se a si mesmo a todo o momento, inclusive durante o processo de intervenção. Na pesquisa, ela contradiz a noção de neutralidade, da assepsia, do não envolvimento do pesquisador com o seu objeto. Barbier (1985), considera três níveis de implicação: o psicoafetivo; o histórico-existencial e o estrutural-profissional e Lourau (1993) diz que elas podem ser libidinais, ideológicas e políticas.

Barbier (1985) referindo-se à pesquisa-ação¹⁰ diz que o pesquisador, no nível individual, logo se encontra com sua dimensão psicoafetiva, uma vez que os fundamentos da personalidade são sempre questionados. Segundo o autor, se o pesquisador não conseguir controlar ou restringir a sua economia libidinal e a contra-transferência, a pesquisa pode ser bloqueadas ou desviada.

Nível histórico-existencial: segundo Barbier (*op.cit.*) está articulado com o nível psicoafetivo, pode revelar toda a reflexão crítica sobre a prática social do pesquisador e tem relação direta com o *ethos* e o *habitus* do mesmo. Sobre isso ele diz (p.112):

“É pouco provável que o pesquisador oriundo de uma classe popular considere os fatos sociais de maneira semelhante à de um da classe abastada. Essa diferença de perspectiva pode

¹⁰Segundo Barbier (1985:38): “A Pesquisa-Ação de Lewin pode ser definida como uma pesquisa psicológica *in campo*, que tem como objetivo uma mudança de ordem psicossocial (...) nesse tipo de pesquisa, a implicação do pesquisador é uma das características do processo de investigação”.

fornecer esclarecimentos surpreendentes e reveladores do objeto estudado”.

Nível Estrutural-profissional: de acordo com Barbier (*op.cit.*), funciona como uma mediação entre os dois níveis anteriores. Ele diz que esse nível de implicação é a “*procura dos elementos que têm sentido com referência ao trabalho social do pesquisador e ao seu enraizamento sócio-econômico na sociedade contemporânea*”. É o não-dito de cada profissão, estabelecido pela sua posição no campo das relações de produção.

Ao me referir à implicação no presente estudo, certamente será à dimensão psico-afetiva de Barbier ou libidinal de Lourau. Ela diz respeito aos meus desejos e afetividades, quer relacionada com a temática da pesquisa em si, quer relacionada com outras áreas de minha vida. Além disso, as implicações que estarei analisando serão as minhas somente, uma vez que não foi colocado como proposta ao grupo um processo de análise de implicações coletiva.

Em um outro momento Lourau (1993) apresenta algumas contradições dialéticas que formam a base da análise institucional, quais sejam:

a) a que existe na construção do que ele chama de um novo campo de coerência. Aqui o autor coloca que a análise institucional não é o que se possa chamar de nova ou original. Mas, ao invés de legitimar um ponto de vista único, propõe o da multireferencialidade¹¹, lembrando que a mesma não é sinônimo de pluridisciplinaridade, ou seja, não é unicamente uma justaposição de disciplinas;

b) como uma segunda contradição, aponta a que existe entre instituído e instituinte;

c) a terceira contradição existe entre a institucionalização¹² e o processo de auto-dissolução¹³;

¹¹Lourau (1993 p. 10): “Refere-se ao apelo a diferentes métodos e ao uso de certos conceitos já existentes...”;

¹²Lourau (1993, p.12) “A institucionalização é o devir, a história, o produto contraditório do instituinte e do instituído, em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução”;

¹³Barembliitt (1994 p.157); “ Quando um conjunto instituinte cumpriu todos os seus objetivos, ou quando constata que não está mais conseguindo isso com a identidade que se deu, deve ser capaz de autodissolver-se para não perpetuar-se como uma finalidade em si mesma”.

d) por fim, o autor considera como uma última contradição, a que existe entre a neutralidade proposta pelas ciências mais objetivistas e o conceito de implicação defendido pela análise institucional.

Uma citação de Lourau (1984, p.75) me chamou especial atenção. Ele diz *"...não somos anjos. Existe, então, uma ligação entre nosso projeto e a necessidade, por assim dizer, de viver"*. Isso me fez refletir que a proposta da minha pesquisa era exatamente essa, a de não se colocar como *"salvadora da pátria"* com minhas conclusões. Mas, a de considerar a possibilidade de se abordar qualquer assunto, qualquer instituição, o que for, sob a perspectiva da vida. Nada que nos criem mais amarras, além das que já nos são impostas cotidianamente, mas que nos liberte para a construção do novo.

3.2 Por uma metodologia criativa

A partir daqui, a opção por uma abordagem do objeto, do tipo qualitativo se tornava claro, uma vez que, de acordo com Minayo (1999, p.22), evidenciava-se um objeto de estudo complexo, pertencente a um determinado grupo social, a determinadas condições, *"...com suas crenças, valores e significados"*.

Para a mesma autora (1994 p.22):

"A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis."

A idéia inicial a ser desenvolvida, e que poderia nos auxiliar nessa proposta de atuar como facilitadora na produção de subjetividade dos profissionais do A.B.C. me veio após um contato com a Sociopoética. Esse contato se deu, primeiramente, ao realizar um trabalho sobre interdisciplinaridade com uma equipe de saúde mental de um hospital-dia. Posteriormente, tive ainda contato com Gauthier¹⁴, um dos idealizadores da sociopoética e com todo um grupo de

¹⁴O encontro aconteceu durante a realização do 51 Congresso Brasileiro de Enfermagem e 10 Congresso Panamericano de Enfermería, em Florianópolis-SC, no período de 2 a 7 de outubro de 1999, ao assistirmos, eu e uma companheira do mestrado, a uma conferência proferida por Jacques Gauthier.

sociopoetas, agenciadores¹⁵ ou co-agenciadores de um despertar criativo nos indivíduos; facilitadores de uma nova proposta no mundo da pesquisa. Outros encontros se dariam ao longo do processo (ver mais sobre esse assunto no capítulo 7).

Gauthier (1999, p.13), sobre a sociopoética diz que:

“...é uma prática e uma teoria da pesquisa e do ensino/aprendizagem que pretende analisar criticamente a realidade social, ao desvelar o inconsciente de classe, de grupo, de gênero e de cultura e sub-culturas, de faixa etária, que atravessa as pessoas e os grupos.”

Complementando a definição acima, continua o autor (1999): a sociopoética é toda abordagem de pesquisa ou aprendizagem que considera, simultaneamente:

- a importância do corpo como fonte de conhecimento;
- a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;
- o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, ‘co-pesquisadores’;
- o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar;
- a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes.

Segundo o autor, constituem referências da sociopoética: a pedagogia do oprimido, de Paulo Freire, de onde se herdou o método do grupo-pesquisador – o centro vivo da sociopoética, podendo influenciar, inclusive, a temática da oficina. Na sociopoética, o saber não é transferido do pesquisador para o grupo, mas é construído coletivamente. A figura do pesquisador profissional deixa de existir, dando lugar à figura dos “facilitadores da pesquisa”, os quais terão a responsabilidade de idealizarem os dispositivos da pesquisa e/ou do processo de aprendizagem. Gauthier (1999, p.12) afirma ainda que,

¹⁵De agenciamento, que, segundo Baremlitt (1994, p.151) “é uma montagem ou artifício produtor de inovações que gera acontecimentos, atualiza virtualidades e inventa o Novo Radical”.

"Desenvolvemos, na sociopoética, a utopia concreta de um mundo no qual a antiga divisão do trabalho em manual e intelectual, fonte de opressões milenares, seria eliminada. Esta utopia é concreta..."

A Análise Institucional, uma outra fonte de inspiração da sociopoética e, também, do Movimento Institucional, se estabelece como um elemento vinculador. A escuta mito-poética (René Barbier), também está presente. Segundo Gauthier (1999 p. 14):

"o pesquisador ou professor deve aprender a escutar as falas e os silêncios que ritmam os processos de criação em cada ser(...) O que nos interessa é desencadear as potências criadoras desconhecidas das pessoas, adormecidas, esterelizadas na vida ordinária."

A criatividade é uma dimensão às vezes não revelada ou não estimulada nos indivíduos, pois, como diz Ostrower (1987, p.5), ela é *"...um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades"*.

Nos interessa, então, com a sociopoética poder estar encontrando os dispositivos necessários para estimular essa capacidade criativa dos sujeitos.

Por último, constituído como uma outra referência da sociopoética está a educação simbólica, estando aí embutidos a simbologia e o imaginário, como recurso para uma pesquisa mais fecunda e prazerosa.

Castoriadis (1982, p. 154) sobre a relação entre o simbólico e o imaginário diz que:

"... o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para 'exprimir-se', o que é óbvio, mas para 'existir', para passar do virtual a qualquer coisa a mais".

Ainda sobre o imaginário, refere o autor (*op. cit.*) que *"é finalmente a capacidade elementar e irredutível de evocar uma imagem"*.

Assim, há a pretensão de se estimular o imaginário do grupo-pesquisador, onde devem estar escondidas suas imagens simbólicas do mundo real, para que crie sua própria representação sobre drogadição.

A realização da pesquisa em sociopoética é construída coletivamente, assim como são, também coletivos, os processos de análise dos dados produzidos e a socialização dos mesmos.

Passando por essas várias correntes metodológicas, decidi-me enveredar pelas teias da sociopoética e aceitar o desafio de ousar poetizar a prática de pesquisa, em uma construção coletiva com o grupo-pesquisador. O desafio estava lançado e não dava mais para recuar.

A partir dessa decisão, a sociopoética foi tomando corpo nessa minha construção como pesquisadora e me dando os elementos necessários para consolidar meus objetivos, que, com o tempo, foram se tornando meus e do grupo-pesquisador.

Sobre o método do grupo-pesquisador, “centro vivo” da sociopoética, posso dizer que ele confronta a estrutura de poder que se estabelece como um espectro na relação entre a pesquisadora e seu “objeto” de pesquisa, levando a mesma a assumir uma postura ética em relação aos pesquisados, de que sua voz deve ser tão audível quanto a dela própria.

Gauthier (1999) descreve o método em seis momentos:

- A entrada no grupo sujeito da pesquisa: a facilitadora deve negociar a sua entrada e sua aceitação pelo grupo-pesquisador, os atores da pesquisa. Não é um momento fácil, ao contrário, chega a ser um tanto angustiante, pois, como é imprescindível que tudo flua e que nada seja imposto, não há como fazer a pesquisa com aquele grupo se ele assim não o desejar. É o desejo da facilitadora, indo de encontro ao do grupo. São sentimentos que emergem já no primeiro momento;
- A escolha do tema a ser pesquisado: esse é o “primeiro” tema ou um tema orientador, que pode ser mudado durante o processo da pesquisa, principalmente se o grupo assim o quiser. Esse tema está ligado, inicialmente, à intuições e implicações do pesquisador, que podem ser libidinais, ideológicas ou políticas, segundo Lourau (1993). Nesse ponto o autor chama a atenção para algo que é, também, considerado de extrema relevância na pesquisa em sociopoética, que é o uso do **diário institucional** ou, como ele chama, **diário coletivo de pesquisa**. Ele aponta o diário como um espaço onde as pessoas tenham a oportunidade de escrever, colar, desenhar tudo o que quiserem, incluindo protestos, provocações ou

interrogações. O ideal é que esse diário seja lido publicamente a cada encontro, seguido de uma discussão. Esse material fará parte das discussões e de todo o conjunto que será analisado no final. Lourau (1993, p.77) diz que:

*“O diário nos permite o conhecimento da vida cotidiana de campo (não o ‘como fazer’ das **normas**, mas o ‘como foi feito’ da prática). Tal conhecimento possibilita compreender melhor as condições de produção da vida intelectual e evita a construção daquilo que chamarei ‘fado mágico’ ou ‘ilusório’ da pesquisa (fantasias, em torno da CIENTIFICIDADE, geradas pela ‘asséptica’ leitura dos ‘resultados’ finais)”.*

■ A produção de dados aparece como o terceiro momento. Aqui se deve ter o cuidado para que os dispositivos criados ou pensados para contribuir na liberação do imaginário do grupo não venham a reforçar a “ilusão grupal”, que Gauthier (*op. cit.*) considera como uma tentativa do grupo de se “esconder” ou de querer esconder seus conflitos. Querer quebrar essa ilusão podem gerar outros conflitos que devem, ainda, serem considerados como analisadores. Na fase de produção, o autor chama atenção para o momento do relaxamento que deve anteceder o da implementação da técnica de pesquisa. Ele diz que, com o relaxamento,

“... os membros do grupo-pesquisador devem conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual (...) esse relaxamento permite que se expresse a força que proporciona a criação de imagens, a imaginação”.

■ A análise e experimentação dos dados, que é o quarto momento, é realizada em duas etapas. Na primeira, o grupo-pesquisador analisa o que produziu, comentando entre si. Aqui surgem interrogações, reflexões e revelações. A participação do facilitador nessa etapa deve ser discreta. Na segunda, respeitando a fala do grupo, o facilitador parte para agrupá-la. Gauthier (*op. cit.*) sugere que, ao estruturar a fala do grupo, a mesma seja feita em quatro momentos: viril, mulheril, filosófico e infantil, os quais serão comentados no capítulo de análise. Para falar com Gauthier, registramos:

“... nesses momentos da pesquisa busca-se a forma do pensamento do grupo, cujo conhecimento permitirá tocar alguns aspectos do pensamento inconsciente do grupo-pesquisador”.

■ O quinto momento – a análise, avaliação e discussão dessas análises e experimentações dos facilitadores da pesquisa pelo grupo: após seu momento de análise mais “solitária”, a facilitadora irá devolver ao grupo o resultado de seu trabalho para que o mesmo o analise, avalie e faça suas ponderações. É um momento de certa angústia e conflitos de poderes, entretanto, é riquíssimo, onde novas propostas podem, também, surgir. Lourau (1993, p.56) diz com muita clareza que:

“A restituição não é um ato caridoso, gentil; é uma atividade intrínseca à pesquisa, um feedback tão importante quanto os dados contidos em artigos, revistas e livros científicos ou especializados. Ela nos faz considerar a pesquisa para além dos limites de sua redação final; ou melhor, de sua transformação em mercadoria cultural para servir unicamente ao pesquisador e a academia (...) se a população estudada recebe essa restituição, pode se apropriar de uma parte do status do pesquisador, se tornar uma espécie de ‘pesquisador coletivo’, sem a necessidade de diplomas ou anos de estudos superiores, e produzir novas restituições, tanto ao agora talvez ex-pesquisador quanto ao presente social mais imediato ou global. Isso seria, efetivamente, a socialização da pesquisa”.

■ A socialização vem configurada como o sexto momento dessa pesquisa, onde todas as decisões devem ser coletivas, desde o conteúdo a ser publicado até a forma como ela será socializada, se em forma de publicação, ou através de uma intervenção artística ou de um movimento de institucionalização política. Como tudo em sociopoética, deve ficar aberta à criatividade do grupo.

Todos esses seis momentos da sociopoética foram desenvolvidos ao longo da nossa pesquisa, com muito cuidado, respeitando, principalmente o devir do grupo-pesquisador.

Capítulo 4

A . B. C. : CONSTRUINDO UMA REDE DE SUBJETIVIDADES

“Todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético. É essa polifonia dos sentidos que o devaneio poético escuta e que a consciência poética deve registrar.”

(Gaston Bachelard)

4 A. B. C. :CONSTRUINDO UMA REDE DE SUBJETIVIDADES

Mergulhar num universo multiforme, essa foi a sensação de lançar mão de uma nova metodologia, que confere ao mais simples, voz, corpo e cidadania, permitindo-nos viver a pesquisa e criar caminhos vários para produção e análise dos dados, garantindo, assim, a polifonia dos sentidos.

Para trabalhar a produção e análise dos dados, Gauthier e Santos (1996) optaram pela vivência dos lugares sociomíticos como elementos desencadeadores do imaginário do grupo-pesquisador.

Tavares (1999, p.97) imaginou novas categorias de análise e criou a *Vivência dos Elementos Materiais* (água, terra, fogo e ar), a partir da teoria de C.G.Jung, da imaginação material de Gaston Bachelard e de experimentos em Gestalt-terapia descritos por John Stevens. Para a autora, "...os elementos materiais catalisam e revelam conteúdos inconfessos (inconscientes), distraem a racionalização e mostram imagens resplandecentes."

Sendo assim, com o mesmo interesse de lançar mão de dispositivos que deflagrassem os sentimentos escondidos do grupo-pesquisador, optei por trabalhar técnica idêntica desenvolvida por Tavares (*op. cit.*), porém, não necessariamente, na mesma perspectiva de análise dos autores em que ela se baseou, mas concordando que o contato com esses elementos, de fato, pudessem acordar os sentidos.

Essa escolha não se deu de forma assim tão direta. Passou por um processo que tem relação com minha construção pessoal como pesquisadora e com minhas motivações. Daí que considero fundamental descrever o processo desde o início, sob o risco de uma quebra que comprometa o sentido do todo.

4.1 Dando a partida... esquentando os motores... negociando

Nos primeiros passos que dei em direção ao início da pesquisa, fui procurar o Projeto ABC. Para minha surpresa, encontrei um enorme prédio horizontal e uma ampla área, com um ginásio e um campo de futebol ao ar livre.

Não sei, sinceramente, se esperava encontrar algo diferente, mas, talvez, a imensidão do lugar tenha sido o prenúncio do que estava por vir.

Naquele dia, encontrei o ABC sem a presença do coordenador, cargo não ocupado naquela ocasião. De lá, encaminharam-me para a sede da associação comunitária responsável pelo Projeto, à procura da presidente da mesma. Encontrei-a arfante e atarefada. Conversamos um pouco e ela, como era de se esperar, estava bastante desconfiada, contudo, foi atenciosa e forneceu-me algumas informações que complementei na Secretaria de Trabalho e Ação Social (SETAS).

A FEBEMCE estava, na ocasião, passando por modificações que acabaram por extingui-la e transferiu suas atividades para a SETAS¹⁶. Mesmo assim, consegui ser atendida pela pessoa responsável pelos setores de programas e projetos, entre os quais se inclui o ABC. A mesma foi receptiva, deixando-me encorajada a caminhar na pesquisa. O passo seguinte foi o meu encaminhamento ao setor de co-gestão, onde outros dois profissionais me receberam. Da parte deles senti algum receio quando fiz o relato dos objetivos da pesquisa, mas, ao final da conversa, disseram que as portas estavam abertas.

Em seguida, retornei ao ABC, que já estava sob nova coordenação. Lá chegando, apresentei-me ao coordenador geral e à coordenadora do setor pedagógico. Fiz um breve relato do projeto, provocando alguma desconfiança, que eu saberia mais tarde, era o receio de que eu fosse até lá para fazer uma auditoria a serviço da SETAS.

Mesmo com esse "pé atrás", eles concordaram em participar da pesquisa. Daí em diante, foi só fechar o acordo para que acontecesse a chamada "oficina de sensibilização", ou, uma primeira tentativa de aproximação com quem viria a ser o grupo-pesquisador.

Segundo Araújo et al. (1998) o método das oficinas favorece a investigação, incorporando o significado dos atos e as relações com as estruturas sociais; promove o exercício da auto-gestão, incentivando uma atitude

¹⁶ SETAS – Secretaria de Trabalho e Ação Social.

participante e mobilizando conhecimentos para o alcance de objetivos socialmente significativos.

Para Gauthier (1999), conforme já descrito, o ingresso dos facilitadores no grupo-pesquisador deve ser mediante negociação, pois, da mesma forma que o grupo possa ter interesse na pesquisa, o contrário também pode se dar. Os facilitadores podem usar estratégias, devendo optar por aquelas que são transparentes. Para mim, a oficina se constituía na estratégia ideal e viria a ser desenvolvida, também, nas fases de produção e análise dos dados.

No dia escolhido pela equipe, realizamos a primeira oficina, na qual estiveram presentes 11 pessoas, de um total de 28. Não tomei essa presença reduzida como algo negativo, mas, percebi que o coordenador ficou bastante preocupado, como se quisesse mostrar que estava tudo muito bem, que tudo funcionava perfeitamente. Preocupação essa que permaneceu até a última oficina.

Das pessoas que estiveram presentes à oficina substituímos os nomes por nomes de aves da fauna brasileira¹⁷, como forma de preservar o sigilo e o anonimato do grupo. A opção por nomes de aves se deu em função de estarmos em uma grande viagem e das aves serem necessárias para alçarmos esse voo. À medida que novos membros foram ingressando, foram recebendo seus codinomes, como poderá ser constado nas páginas a seguir.

■ **Pato-do-mato** (*Cairina moschata*): Espécie da maior importância na medida em que originou o pato doméstico sul-americano. Plumagem negra com algum branco na asa, estando este reduzido ou mesmo ausente na fêmea, que por sua vez também, quase não tem carúnculas na base do bico, faltando-lhe completamente o penacho nugal e o topete frontal. Em ambos os sexos o bico é atravessado medianamente por uma faixa branquicenta;

■ **Condor-dos-Andes** (*Vultur gryphus*): Negro, espesso colar de plumas e grande área sobre a asa brancas; cabeça nua vermelho-amarelada; macho maior que a fêmea, apresentando também alta crista carnuda na testa.

¹⁷ Os nomes das aves brasileiras foram tirados de Sick, Helmut: "Ornitologia Brasileira". Uma Introdução. Volumes I e II. Brasília: 3ª ed. Editora Universidade de Brasília, 1988

Habita toda a cordilheira dos Andes, penetra em território brasileiro na região do rio Jauru (Mat Grosso);

■ **Asa-branca, pombão** (*Columba picazuro*): Do porte do pombo-doméstico. Lado superior da asa atravessado por uma faixa branca mais visível em voo; semicolar escamoso restrito ao pescoço superior. Anel perioftálmico com algum vermelho. Vive nos capões, caatinga. É migratória, como tantas outras pombas, estende seus domínios acompanhando os desmatamentos;

■ **Fogo-apagou** (*Scardafella squammata*): Particularíssima pela aparência escamosa. Vive no campo seco, cerrado e jardins. É comum no Brasil central, em São Paulo, sul de Mato Grosso e Paraná. Também conhecido como: "Rolinha-carijó; Rola-pedrês"; "Félix-cafofo";

■ **Arara-azul-de-lear** (*Anodorhynchus leari*): Tem cabeça e pescoço azul-esverdeados, barriga azul-desbotado, apenas as costas e lado superior das asas e cauda azul-escuras (cobalto). Anel perioftálmico amarelo relativamente claro, pálpebra azul-clara, branca ou levemente azulada. É oriundo da região do Raso da Catarina, no nordeste da Bahia. É a única arara daquela região;

■ **Papagaio-verdadeiro** (*Amazona aestiva*): Tem a fama de ser o papagaio mais "falador". Fronte e loros azuis, o amarelo da cabeça estende-se por cima e por detrás dos olhos, contornando-os, por conseguinte. Vive na área úmida ou seca, palmais, beira de rio. É encontrada do nordeste (Piauí, Pernambuco, Bahia), pelo Brasil Central (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso), ao Rio Grande do Sul, Paraguai, norte da Argentina e Bolívia. Também conhecido como "Louro";

■ **Gralha-do-campo** (*Cyanocorax cristatellus*): Espécie campestre típica do Brasil central, de asas longas e cauda relativamente curta. Inconfundível pelo topete frontal prolongado, manto violeta-azul escuro, a barriga e os dois terços apicais da cauda brancos. Pode ser encontrada no Piauí, Maranhão e sul do Pará a Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e São Paulo. Conhecida também como "Gralha-do-peito-branco", "Pega" (Piauí);

■ **Cancã** (*Cyanocorax cyanopogon*): Espécie abundante no Nordeste, tem o manto cor de fuligem, asas e cauda negras. A barriga e a ponta da cauda sempre de um branco puro. Habita o cerrado denso, cerradão, lugares não muito fechados da mata de galeria e a caatinga; do Nordeste até o sudeste do Pará, Goiás, leste de Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia;

■ **Sabiá-laranjeira** (*Turdus rufiventris*): É o sabiá mais conhecido no Sudeste. Inconfundível pela intensa cor ferrugínea-laranja da barriga; a pálpebra é às vezes amarela. Vive nas matas, parque, quintal e até dentro do centro de cidades como o Rio de Janeiro quando há algum ajardinamento. Ocorre do Brasil central e oriental, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, à Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai;

■ **Sabiapoca** (*Turdus amaurochalinus*): É comum em paisagens meio abertas. A cabeça e o lado superior, incluindo as asas, de um colorido pardo-oliváceo uniforme; a área em frente ao olho é negra e a garganta branca; sobressai uma nódoa branca ou amarelada-pura na garganta posterior. O bico, durante a procriação é amarelo puro, cor de cera (no macho), durante o descanso, em imaturos e na fêmea, anegrado e uniforme. Pode ser encontrado na orla da mata, parque, quintais, também nas cidades e no cerrado.

Sobre suas expectativas da oficina disseram:

"Ajudar a trabalhar com os meninos". (Pato-do-mato)

"Aprender para ajudar". (Condor-dos-andes)

"Conhecimento para trabalhar melhor com o usuário". (Asa-branca)

"Preparar para ajudar". (Fogo-apagou)

"Bons resultados". (Arara-azul-de-lear)

"Melhorar trabalho/ saber o que falar/ aperfeiçoar". (Gralha-do-campo)

"Boa idéia" (Papagaio verdadeiro)

"Adquirir mais conhecimento par trabalhar melhor". (Cancã)

"Sirva de exemplo para outro da equipe". (Sabiá-laranjeira)

"Entender mais dos meninos que estão nas drogas". (Sabiapoca)

As expectativas apresentadas na fala inicial dessa equipe considerei como uma sinalização positiva à minha proposta. Nesse dia, tudo aconteceu melhor que o esperado e senti que eles foram tocados, mas, ainda, insistiam em “mascarar” seus sentimentos. Tomei isso como natural e desejei que, de fato, pudesse criar dispositivos que deflagraassem esses sentimentos escondidos, abafados, sufocados.

Iniciei esse primeiro contato fazendo uma apresentação dos objetivos do trabalho que estava propondo à equipe, inclusive da forma de trabalho em oficinas. Essa foi a minha apresentação à equipe e não a do projeto, que ainda seria feita posteriormente.

Passado esse momento, foi feita uma dinâmica de relaxamento, não tão relaxante, mas, com certeza, desencadeadora do potencial imaginativo deles, através do estímulo do tato com objetos de várias texturas e formas (Gauthier *et al*, 1998). A mesma foi adaptada por Martins *et al* (2001) em uma oficina realizada com a equipe de saúde mental de um hospital-dia da rede pública em Fortaleza-CE.

Após tocarem os objetos, estando com os olhos vendados e apenas um dos membros da equipe com os olhos abertos anotando suas observações sobre esse momento, os participantes foram convidados, inicialmente, a falarem dessa experiência e a escreverem o seu conceito sobre drogas, a partir da frase inicial: *pensar através do meu corpo me fez entender que drogas são...*. Para a construção do conceito, foram orientados a se despirem de qualquer conhecimento sobre o assunto e se permitirem intuir sobre o tema.

Seu conceito inicial sobre drogas ficou:

“As drogas são um caminho obscuro, talvez sem definição, mas, para fazer o caminho de volta, é só ter força de vontade. Ela é um túnel sem saída, horrível. Um poço profundo. É perdição.

A droga é uma droga, é um nó difícil de se soltar. Ela mata. Elas são boas no primeiro momento, dando uma sensação agradável, entretanto, com a continuação, dão uma sensação de aflição.

Ela é uma coisa traiçoeira e ilusória, que leva a pessoa a viagens muitas vezes sem volta, destruindo a integridade e a saúde. Drogas: um negócio que faz muito mal; nunca deixe seu filho cair nessa”.

No momento de sua apresentação e de sua experiência com os objetos, apontaram: a necessidade de terem conhecimento para ajudar as pessoas que se envolvem com as drogas e compreender os motivos que as levam para as mesmas; a relação da escuridão com tristeza, com a dificuldade de ir além, de devanearem e, ainda, com a tentativa dos drogados de quererem sair das drogas; aos objetos ásperos e duros associaram o mal e as coisas ruins; relacionaram os objetos macios à limpeza e ao que é bom. Outras possíveis categorias associadas às demais formas e texturas dos objetos não ficaram evidenciadas na fala da equipe.

Não é minha pretensão trabalhar com categorização de falas, mas esse exercício livre valeu para dar uma noção inicial da abordagem que essa equipe poderia pretender, dentro desse universo da temática drogadição.

Dando continuidade, foi solicitado que, através do trabalho com massa de modelar, eles tentassem representar o trabalho em equipe, levando em consideração a temática proposta. Não houve resistência a essa atividade, pois já estavam envolvidos. Além disso, vale ressaltar a permissão que deram para o registro desse momento com fotografias.



Figura 01 – painel produzido pelo grupo-pesquisador na oficina de sensibilização

A equipe, após produção coletiva, falou da construção que fez no momento anterior; voltando a evidenciar a necessidade de ter mais conhecimento; mais capacitação para poder ajudar àqueles que estão envolvidos com as drogas; referiram que no ABC o *“trabalho é feito com amor”* e que, tudo existe pela fé que tem em Deus. Ressaltam, ainda, que: *“...sempre fazemos o possível para ajudar as crianças que têm problemas com as drogas”*.

Ainda aqui a equipe chama a atenção para um outro aspecto que é o do papel do coordenador-geral. Ao mesmo tempo em que as pessoas usam a massa de modelar para simbolizar a união da equipe com o mesmo, dizem muito retamente que o problema de muitas equipes é a imposição e que a melhor forma de ser coordenador é ser amigo, cativar. Fica implícito, o desejo da equipe por um trabalho mais participativo, refutando a idéia de uma estrutura de poder verticalizada.

Fiquei observando tudo isso e pensando sobre o que fazer para contribuir com a quebra daquela carapaça do instituído na equipe. Recordei-me de Lourau

(1993) falando sobre a necessidade de se conhecer mais o instituído, os diversos níveis de contradição existentes na instituição e, ainda, no instituinte. Era essencial estar aberta para captar o não-dito dessa equipe, para escutá-la com todos os sentidos.

Para finalizar esse dia, realizamos a avaliação através da dinâmica do "Papel Amassado" ao som da música "Como Uma Onda no Mar" de Lulu Santos. Nela, os participantes são convidados a amassar uma folha de papel em branco e, em seguida, a tentarem desamassa-la, na tentativa de deixarem-na na forma original (Sousa e Militão, 1997).

O propósito dessa dinâmica foi levar a equipe a refletir sobre os momentos que haviam passado ali, naquela oficina, atentando para o fato se eles iriam querer, de fato, desenvolver um trabalho com aquela temática; se eles viam possibilidade de mudança em algo. A reação inicial, quando os convidei a desamassarem o papel, foi de surpresa e ansiedade: como voltar à forma original? Era impossível. Em suas palavras finais, sobre a dinâmica disseram:

"Nada do que foi será. Que fique. Que a gente possa melhorar".
(**Gralha-do-campo**);

"Que a gente possa guardar essas reflexões em nossos corações. Que venham a ser luz em nossa mente, para nós e para as crianças". (**Fogo-apagou**);

"Que eu não faça pior do que fiz na primeira vez (referindo-se ao período em que usou drogas e se prostituiu)". (**Fogo-apagou**);

"Não fechar os olhos. Que todos tenham consciência de que um dia pode ser mudado". (**Cancã**);

"A folha representa um indivíduo que usou drogas e, mesmo que saia, ficam cicatrizes". (**Condor-dos-andes**);

"Sempre vai ser diferente". (**Garibaldi**);

"A música leva à reflexão sobre mudanças". (**Sabiá-laranjeira**).

No final da oficina, os que estiveram presentes relataram ter gostado, apesar de terem achado, inicialmente, que haviam sido convidados para "mais uma reunião chata, só de falação". Por último, e com receio da resposta ser NÃO, perguntei-lhes se concordavam e queriam participar da pesquisa, esclarecendo, inclusive, seu papel nela. Felizmente eles concordaram e marcamos um novo encontro.

É importante atentar para o fato de que esses encontros iniciais ainda não faziam parte da fase de produção de dados, mas do meu processo de aproximação do, agora, grupo-pesquisador. Para mim, somente no momento em que a equipe aceitou a pesquisa acontecendo dentro do seu espaço, do seu "território", deu-se o que Gauthier (1999, p.41) diz sobre os pesquisados tornarem-se os

"... verdadeiros co-pesquisadores, parceiros e parceiras dos facilitadores da pesquisa, tanto na construção do conhecimento como nas decisões que se devem tomar para que o próprio processo de pesquisa chegue até sua conclusão".

Nesse momento, estava consciente que um novo espaço de construção emergia, onde conflitos e similitudes estariam presentes e o diálogo estaria garantido. Vibrei por estar ali.

4.2 Preparando a viagem...

Avaliei ser necessário apresentar todo o projeto detalhadamente para o grupo-pesquisador. Essa apresentação ficou agendada para o nosso segundo encontro. Nesse dia, mantendo o espírito leve e descontraído da nossa proposta, o encontro ficou dividido em três momentos: Apresentação do projeto; Divisão do grupo-pesquisador em sub-grupos de trabalho; Buscar um contrato de trabalho.

Na apresentação do projeto expus a proposta da pesquisa, os objetivos e, com muito cuidado, o referencial teórico-metodológico, pois queria que não ficassem muitas dúvidas, mas, certamente algumas ficariam.

Eles gostaram de serem chamados de grupo-pesquisador e do que isso significava, mas, ainda assim, percebi que não se estabelecia, com uma apresentação, a quebra da hegemonia nessa relação saber-poder, inclusive para mim, que estava ali numa experiência pioneira em minha vida. Não era tão fácil...

Minha formação favorecia o exercício do poder. Ela própria já se construía assim: a enfermeira de um lado, os demais membros da equipe de enfermagem do outro. Embora tenha tentado me despir dessa carapuça desde o princípio de minha vida acadêmica, prosseguindo assim no exercício profissional, era uma implicação muito evidente, descrita por Barbier (1985) como sendo estrutural-

profissional e com não-ditos muito fortes, ou seja, tem relação com o papel social de minha profissão dentro de um mercado de trabalho, estruturado pelas relações de classe. . .

O momento de dividi-los em sub-grupos foi muito interessante, porque, como estavam eles lá e eu cá, eles se protegendo e eu querendo derrubar esse muro, fiz a dinâmica da dança pela sinalização, onde eles deveriam dançar solto, separado ou em grupo, de acordo com a cor do papel que eu apresentasse. A idéia dessa dinâmica foi movimentar bem o grupo, conseguida, pelo menos parcialmente, pois alguns ainda permaneceram impenetráveis. Ao final, eles foram divididos em dois sub-grupos de dez.

Esse momento foi extremamente significativo, pois a idéia era romper com o imaginário do grupo-pesquisador, possibilitando a heterogeneidade como proposta de produção de conhecimentos. Como diz Gauthier (1999), uma tentativa de inquietá-los, de aproximá-los ainda mais ao que ele se refere sobre o grupo-pesquisador ser cidadão no pesquisar. . .

Para trabalharmos o que propus como contrato de trabalho, os sub-grupos iriam decidir sobre algumas questões, as quais seriam compartilhadas com os demais e escolhidas as que fossem mais convenientes para todos, para eles principalmente.

Sendo assim, caberia a eles proporem: Quantas oficinas poderiam ser realizadas; Quais temas seriam trabalhados; O período total para a realização das oficinas, embora tivesse informado a eles que, na verdade, havia sido sugerido pela banca do exame geral de conhecimento o período de abril a junho de 2000; A periodicidade das oficinas; A participação de cada um deles - informei que era livre, ressaltando a importância de ter sempre a participação dos coordenadores e que, o ideal, era que cada grupo de trabalho não ultrapassasse o número de quinze pessoas; aqui foi perguntado se eles concordavam com a participação dos usuários do ABC; Contrato de participação - estar nas datas agendadas e quais recursos poderiam ser utilizados para registro das oficinas.

Quero registrar a importância dada à liberdade deles transitarem no grupo. Obrigar uma participação permanente seria correr o risco do fracasso logo de saída. Cada um tem um ritmo, obrigações, afazeres, desejos... Queria que algo mais forte do que a minha presença ou a imposição dos coordenadores, se isso viesse a acontecer, fosse responsável por eles estarem ali. Os encontros seriam únicos, enquanto momentos de produção, daí que, estar presente a uma só das oficinas já seria considerado uma contribuição importante em todo o processo de construção.

Gauthier *et al* (1998:126) dizem que *“o respeito ao ritmo de cada um é um ponto fundamental, não apenas na estratégia da pesquisa, mas também no êxito das aprendizagens”*.

A decisão final do grupo-pesquisador, após as discussões em subgrupos e a socialização no grupão foi: Periodicidade - quinzenal; Dia da semana - sexta-feira; Horários - de 14 horas às 17 horas; Participação - aceitaram que os usuários pudessem participar, mas, que esse número deveria ficar limitado a três; Número de oficinas - o número total de oficinas seria nove, sendo seis para produção de dados e três para avaliação e que a cada duas oficinas de produção, seria realizada uma de avaliação; Temas - eles seriam escolhidos no final de cada oficina, de acordo com a vontade da equipe. O tema da primeira oficina de produção de dados seria: *“O que vem a ser drogas?”*; O dia agendado foi 14 de abril de 2000; Registro das oficinas - aceitaram que as oficinas fossem registradas com todos os recursos possíveis (gravação, filmagens, fotos, entre outros); Anonimato e sigilo - foi assegurado o anonimato e sigilo do grupo.

Não foi surpresa que alguns membros do grupo tenham achado que minha presença lá seria para dar curso sobre o que são as drogas ilícitas, como se classificam, seus efeitos, entre outras informações técnico-científicas. Esclareci que a proposta era outra, mas, que poderia levar textos sobre essas questões.

Nos dias seguintes, levei os textos que havia prometido e o "Diário Coletivo"¹⁸ para que fizessem seus registros no intervalo das oficinas.

O diário coletivo, infelizmente, não foi utilizado como eu gostaria que fosse. Foi como o grupo considerou que fosse, refletindo sua heterogênea composição ou, até mesmo, a insistência em manter as aparências. As pessoas só escreveram coisas "boas" e "altruístas". O que se deu, também, e pode ter contribuído para essa postura, foi o fato de não termos lido o diário ao final de cada encontro ou no começo deles. É provável que tenha faltado mais sensibilidade de minha parte em relação a isso. Infelizmente, não dá para voltar no tempo. Temos que aprender com as horas que se seguem.

No dia 14 de abril, conforme combinado, estava lá para mais um encontro, ou melhor, a primeira oficina de produção de dados. Quase todo o grupo-pesquisador, entre quinze a vinte pessoas, incluindo os três adolescentes, com exceção dos que estavam na vigilância do prédio ou na cozinha naquele dia, se fez presente. Não posso negar que vibrei com isso. Para mim, era a confirmação de que tudo ia bem, ou melhor, de que o caminho parecia ser aquele mesmo. Deus estava comigo.

O que imaginei para essa oficina foi trabalhar com a técnica do teatro magem (Boal, 1998), uma possibilidade que nos ajudasse a dar o primeiro passo nessa fase de produção de dados. Entretanto, um imprevisto aconteceu nesse dia que teve, pelo menos, duas funções, quais sejam: fazer-me refletir sobre uma técnica mais adequada para utilizar como dispositivo deflagrador do imaginário e, ainda, sobre meu próprio preparo como facilitadora nesse processo.

Vejamos, então, o que aconteceu. A oficina foi esquematizada da seguinte forma: Dinâmica de relaxamento; Criação da "cena congelada"; Avaliação da oficina (temática e técnica).

Antes da dinâmica de relaxamento, fiz uma introdução para o grupo-pesquisador; de forma que pudesse contribuir para sua concentração, pois estava

Para Gauthier (1999, p. 43), o *diário institucional ou de itinerância*, que é tomado emprestado da pesquisa e da socioanálise "... pode tomar a forma do diário coletivo de pesquisa, onde todas as pessoas participando da pesquisa têm a liberdade de escrever, desenhar, colar... tudo o que querem...".

um pouco agitado e disperso. Ao som da música "Floating on air", do cd "Spring Magic", solicitei ao grupo que caminhasse em círculo. Primeiro na ponta dos pés, depois com os calcanhares, em seguida com o lado externo dos pés e, depois, com o interno. O passo seguinte foi a realização da dinâmica, ao som da música anterior. Nesse momento solicitei ao grupo que se posicionasse nos colchonetes, na posição mais confortável possível e se permitisse "viajar" livremente (por um lugar qualquer), que deixasse vir à tona suas emoções em relação às drogas. A imagem que eles conseguissem abstrair nesse momento, tentassem congelá-la. Durante a realização da dinâmica, o grupo manteve-se concentrado, com exceção dos adolescentes, que tiveram dificuldade para entrar no "clima".

Até aqui tudo bem, porém, na hora de fazermos o sorteio para que um dos presentes fosse o autor da cena a ser construída, equivocadamente eu me incluí e, por coincidência, fui a sorteada. Isso foi péssimo, pois atrapalhou a condução da técnica. Embora eu também seja uma voz nesse grupo, percebi que não dá para conjugar bem ser facilitadora e, no caso da técnica em questão, ser ator também.

O problema aqui não foi me expor com o exercício da técnica utilizada, mas sim, não sentir fluidez no grupo. A impressão que tive foi que o grupo travou pelo fato de ter sido eu, a facilitadora, a sorteada para ser a autora da cena. Resumindo: eu os inibi. Mesmo assim, a oficina suscitou discussões, mas continuou deixando uma dúvida principal: O que são drogas afinal? Passei a admitir a possibilidade do grupo precisar mesmo de uma resposta a essa pergunta. Avaliei, também, que talvez fosse necessário mudar de técnica para essa fase de produção de dados. Uma outra que facilitasse ao grupo fluir.

No terceiro e último momento, o da avaliação, quando solicitei ao grupo que, com uma frase ou uma palavra, construísse um painel, ele não teve dificuldade, porém, maquiou sua fala, dizendo que a técnica havia sido proveitosa e criativa. Quando se referiram ao tema, reproduziram jargões já institucionalizados, do tipo: "Diga não às drogas"; "Droga – vida curta", entre outros. Isso deixou-me inquieta, pensando sobre o que fazer dali em diante para não correr o risco de reforçar essa postura do grupo.

Após essa oficina, tive a feliz oportunidade de comentar minhas inquietações com minha orientadora, Viola¹⁹, com Cláudia Tavares²⁰, com Sandra Petit²¹ e Jacques Gauthier²², em momentos distintos. Eles fizeram observações, as quais resolvi considerar. Entre elas: Mudar realmente de técnica, já que aquela não contribuiu para a deflagração do imaginário do grupo e que, além disso, exigia exercícios preparatórios; Não me incluir mais nas técnicas, pois, embora eu seja uma voz no grupo, tenho um papel a cumprir; Trabalhar um único tema e tentar esgotá-lo. Isso seria melhor do que desenvolver um diferente a cada oficina e não conseguir concluir nenhum.

1.3 A Partida: novas produções, novas possibilidades...

No encontro seguinte (28/4/2000), levei uma nova proposta para o grupo atomei o assunto de trabalharmos só um tema e, se necessário, reduzirmos o número de oficinas. Falei para eles que os outros temas nós poderíamos trabalhar depois, se eles assim o desejassem.

Perguntei, ainda, ao grupo se ele tinha dúvidas sobre sua participação na pesquisa. A maioria ficou calada e angustiei-me, confesso. Falei ao grupo que não era necessário eles responderem, apesar da minha ansiedade. Acho que eles entenderam e o coordenador geral acrescentou que a realização das oficinas era importante. Assim, o grupo decidiu explorar mais o aspecto conceitual com o tema *“que são drogas?”*. Fiquei mais tranqüila, pois, desde a oficina anterior, já havia percebido isso. . . .

A ansiedade em atender os objetivos da pesquisa era grande, mas tenho fé em Deus e na vontade do grupo de encontrar respostas) que tudo iria dar certo.

Um dos membros da equipe chamou-me e fez uma observação sobre criar estratégias que estimulassem o restante da equipe, os que naquele dia haviam faltado. Ele sugeriu que teria acontecido algum comentário do tipo: *“eu não vou participar de uma coisa só para que alguém ganhe uma nota. O que vou ganhar*

Violante Augusta Batista Braga. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do DENE/FFOE/UFC;
Cláudia Mara de Melo Tavares. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do DENE/UFF;
Sandra Haydée Petit. Educadora. Doutora em Educação. Professora da FACED/UFC.
Jacques Gauthier. Doutor em Ciências da Educação. Professor visitante da Faculdade de Educação da UBA.

com isso?”. Não posso negar que fiquei bastante incomodada. Prometi que iria pensar em algo, e o fiz. Lembrei-me de termos fechado um acordo, no qual a participação seria livre, entretanto, incomodava-me ainda a observação. Um “nó” a ser desatado.

4.3.1 A água das nossas emoções

A partir daqui, as oficinas passaram a ser desenvolvidas com a técnica dos elementos materiais (Tavares, 1999). Foram realizadas quatro oficinas para produção de dados e mais duas para avaliação. O tempo de duração dessas oficinas, conforme previsto no nosso contrato, era de três horas e, quase sempre cumprido integralmente. Em relação à periodicidade posso dizer que elas não aconteceram quinzenalmente, mas isso não atrapalhou o desenvolvimento dos trabalhos.

Iniciamos com o elemento água, entendendo-o assim, como sendo um elemento capaz de deflagrar emoções contidas e/ou até desconhecidas. Para o grupo trabalhar o elemento água, propus que utilizasse tinta guache e os dedos para registro das imagens que deveriam surgir com o relaxamento.

A idéia era de que, com a tinta, os sentimentos deles pudessem ser mais liberados, uma vez que não é fácil controlar o curso que a mesma vai ter, utilizando o dedo como pincel. Denominei essa oficina, posteriormente, de *A Água das Nossas Emoções*, pelo que pude perceber acontecendo com o grupo: a luidez que, finalmente, se deu.

A oficina aconteceu em três momentos: Teste do material; Relaxamento; Registro do devaneio, por ocasião do relaxamento e produção com o uso da tinta.

Para testar o material, o grupo presente, num total de 14 pessoas, dividiu-se espontaneamente em quatro e fez uma produção livre, sem qualquer orientação prévia. É interessante registrar que alguns resistiram, inicialmente, à técnica, pois consideraram que era mais seguro pintar com pincel ou com canetas coloridas, uma vez que daria para controlar o que seria produzido.

Ao som da música *Spring Showers* do cd. “*Spring Magics*”, o grupo foi solicitado a posicionar-se confortavelmente nos colchonetes, de olhos fechados. A

partir daí, Lia, companheira de mestrado, sonhadora comigo de novas possibilidades, pediu ao grupo que, primeiro, observasse sua respiração, inspirando pelo nariz, bem devagar e, em seguida, lentamente, soltasse o ar pela boca. Depois, pediu que cada um se imaginasse em um lugar que gostasse muito, um ambiente calmo, tranquilo e que inspirasse muita paz. Um lugar onde as preocupações do dia-a-dia não pudessem ficar. Disse:

“Crie o seu espaço de paz. Esse lugar é uma praia. Comece a molhar os pés na água da praia, sentindo que, aos poucos, ela toma conta do seu corpo. Você vai entrando cada vez mais nessa água e, mesmo quando ela chega a altura do seu nariz, você continua entrando e...agora...você já consegue respirar embaixo d’água. O primeiro instante é estranho, seu corpo ainda não está acostumado com isso, mas, aos poucos, você começa a se sentir bem nessa água. Comece agora a imaginar esse mundo novo embaixo d’água, um mundo desconhecido para você. Deixe o corpo ficar solto, bem à vontade. Lá você irá encontrar peixinhos coloridos, algas, um ambiente completamente novo. Você está nadando e encontra uma gruta...entra e lá está escuro. Aos poucos você vai tentar sair de lá. Uma bolha se forma em torno do seu corpo, uma bolha aconchegante, gostosa, macia, confortável. As ondas vão começar a empurrar essa bolha. Entregue-se ao balanço da água, você vai sendo lentamente trazido à tona. Sinta a luminosidade do sol chegando até você. Tudo vai ficando mais claro. Agora você está na superfície da água e a maré vai lhe empurrando para a praia. Ao chegar na praia você vai tentar sair da bolha. Sentindo pés, mãos, despertando todo o corpo, você vai começar a romper a bolha e tentar sair de dentro dela “. Aqui, ela solicitou ao grupo que se deixasse inundar por essa sensação de romper a bolha e tentasse lembrar de alguma situação com um amigo ou familiar que tenha passado por uma ou mais de uma experiência com drogas, qualquer droga”. Abra os olhos bem devagar...saia de dentro da bolha e...pode sentar”.

Após esse momento, foi dado ao grupo cinco minutos para que registrasse, com a escrita, a experiência do relaxamento e, em seguida, que utilizasse a técnica da pintura com o dedo para expressar a relação do elemento água com o

conceito de drogas. O grupo fez esses registros e, em seguida, cada um foi



Figura 02 – desenhos produzidos na oficina que trabalhou o elemento água

colocando sua produção no centro da sala e comentando.

4.3.2 O Ar que nos dá vida

O elemento “AR” foi o escolhido para a segunda oficina de produção, que aconteceu quase um mês após a primeira, em função dos desencontros de horários meu e do grupo.

Nesse dia pensei a oficina dividida em alguns momentos: Aconchego; este do material; Relaxamento e Produção.

Chamei de aconchego, o momento da chegada, do afastar cadeiras, vantar, ir e vir. Sentar. Aqui, o grupo põe em dia os papos. Compartilha o que aconteceu no intervalo das oficinas. Brinca, ri, “fica na sua”, se aquieta.

O início foi atrasado e somente sete membros do grupo compareceram. Desinteresse? Desmotivação? Será isso que Gauthier (1999) chama de: o grupo fechar em seu próprio narcisismo, ou seja, não estão vindo porque não está acontecendo o que imaginaram? Por que os demais vêm?

Notei a ausência dos adolescentes. Apenas um apareceu e foi logo embora. Devo considerar a flutuação dos adolescentes como o quê? A ausência de alguns pode significar desmotivação? Será este um analisador?

Conversamos sobre a questão da falta ou pouca motivação do grupo. É interessante como eles se soltam mais a cada encontro. O resultado dessa conversa é que os presentes, num total de sete, falaram que no ABC só *tem chefe*, *“todo mundo só quer ser chefe”*. Inclusive os que estavam ali, naquela discussão?

Graúna disse que, às vezes, tem vergonha de mim por causa da pouca participação do grupo. Falei para ela que também me preocupo, mas, tudo isso sem que ser levado em consideração. A liberdade de comparecimento às oficinas faz parte do nosso acordo.

Discutimos ainda sobre a possibilidade de uma produção própria do grupo e houve animação. Sugeriram editar uma fita de vídeo, fazer uma exposição de fotografias ou, até mesmo, uma peça de teatro. Ficou para a próxima reunião essa decisão.

Antes do relaxamento, solicitei ao grupo que se dividisse para testar o material que iria utilizar para representar, nesse dia, através do elemento AR, seu conceito sobre drogas. Entreguei papel madeira, tinta guache e canudos e solicitei que, ao som da música “Voices in the Wind” do cd “Spring Magic”, com o canudo e a tinta, pintasse aquilo que viesse à mente, livremente. Eles deveriam aspirar a tinta, previamente diluída com água, e soprar no papel, a fim de construir sua imagem.

Quando TAVARES (1999) desenvolveu o relaxamento a seguir, com seu grupo de pesquisa, avaliou que seria um momento facilitador no processo de interação com o elemento AR. O relaxamento, no nosso caso, obedeceu apenas à forma básica daquele proposto pela autora, adaptando-se às especificidades do grupo.

Solicitei ao grupo, antes de entrar no momento do relaxamento propriamente dito, se concentrar na sua própria respiração, inspirando e

expirando corretamente, durante um minuto. Ao som da música "Floating on air", sugeri ao grupo que formasse um grande círculo e permanecesse de olhos fechados. De mãos dadas, começasse a se balançar suavemente. Eles deveriam imaginar que, acima de suas cabeças tinha um barbante, puxando-os pelo meio dela, permitindo que sua coluna ficasse reta e o peito e a barriga expandidos. Orientei-os a não se esforçarem ou deixarem seus corpos rijos e que continuassem a se balançar.

Recomendei, ainda, para que concentrassem sua atenção na respiração e que, ao fazerem isso, mantivessem o corpo e a respiração suaves. Sugeri que se sentissem saindo do chão, voando bem alto, de onde eles pudessem observar o mundo, o céu claro, as nuvens, voar entre elas... Sentissem no corpo o vento e o sol. Depois observassem o entardecer, o sol se pondo e as estrelas da noite parecendo. Pedi que retornassem lentamente e, com os olhos ainda fechados, imaginassem uma situação de contato com as drogas, eles próprios ou alguém próximo a eles, inclusive do próprio ABC. Propus que gravassem a primeira imagem que lhes viesse à mente e, só então, abrissem os olhos.

Após esse momento, o grupo construiu sua imagem, através da pintura



Figura 03 – desenhos produzidos na oficina que trabalhou o elemento ar

utilizando canudo e tinta. Depois descreveu, em um papel, essas imagens e as sensações na vivência com o ar. Em seguida, o grupo compartilhou sua produção.

1.3.3 O Fogo incandescente

Para esse terceiro momento de produção, trabalhamos com o elemento FOGO.

Cheguei no ABC querendo o mundo e, pelo menos, parece que consegui a oração daquele dia. Queria todas as respostas prontas. Acho que faz parte da minha ansiedade.

Começamos com o essencial “bate-papo”, Xexéu propôs esgotar, ainda hoje, os assuntos, porque fazê-lo em outro horário seria mais difícil, por conta do tempo.

O grupo, nesse dia, com quinze membros presentes, decidiu pelo teatro para registrar sua produção. Aceitou, ainda, a ajuda de um diretor de teatro, que prontificou a vir na última oficina para conversar com eles.

Os momentos que se seguiram foram: Testar o material; Relaxamento; Produção; Leitura do material em dupla; Apresentação do quadro para o grupão; Encerramento.

Solicitei ao grupo que se dividisse para testar o material com o qual ele teria a relação do elemento fogo com o conceito de drogas.

Iniciamos o relaxamento formando um círculo. Pedi, então, que cada um emitisse um “som” próprio, seu. Esse som seria emitido simultaneamente por todos os membros. Após alguns instantes, solicitei que todos se acomodassem nos colchonetes, com as cabeças voltadas para o centro da roda, de forma que as cabeças ficassem próximas.

Ao som da música “Renewal” “Spring Magic”, solicitei que eles se imaginassem numa imensa floresta, cheia de árvores, flores e pássaros. Nesse instante, eles iriam perceber uma planta incendiando e deveriam se aproximar dela. Embora esse fogo aumentasse cada vez mais, à medida que eles se

proximavam, não parecia ser ameaçador. Eles deveriam tocar a planta, observar a reação, mesmo assim, não se queimavam, permitindo-se ser um só com ela. Assim, nessa situação, eles deveriam olhar o mundo à sua volta e tentar imaginar a relação do fogo com o conceito de drogas.

Pedi que retornassem lentamente, à medida que cada um já tivesse a sua imagem e que, com giz-de-cêra derretido pela chama de uma vela, eles tentassem produzir o seu conceito. Deveriam registrar também em uma folha de papel.

Nessa oficina a transgressão parece ter sido a marca registrada. Xexéu e Ippagaio-verdadeiro desenharam primeiro para só depois usar o giz de cera derretido pelo fogo. Lembrei de Gauthier dizendo que a transgressão só existe porque as regras também existem²³. Analiso isso como um momento em que o grupo se sente à vontade para estar à vontade.

Após essa fase de produção, eles ficaram em duplas para que cada um se apresentasse e apreciasse o material do outro. No momento da socialização com o grupo, eles ficaram à vontade para apresentar o seu próprio material ou deixar que o outro o fizesse.

Nesse dia aconteceram algumas coisas que gostaria de registrar: a presença dos adolescentes; um dos membros do grupo recusou-se a fazer desenhos da sua imagem e, após um breve intervalo, outros três se retiraram. Não sei qual significado isso pode ter ou se precisa ter algum; só sei que não me justificarei mais, como nas primeiras oficinas.

Para encerrarmos, ficamos em círculo novamente, por alguns instantes; cada um emitindo o seu som, que, dessa vez, pareceu ter mais harmonia, mesmo sendo tão polifônico.



Figura 04 – desenhos produzidos na oficina que trabalhou o elemento fogo

4.3.4 A Terra da criação

A quarta e última oficina para produção de dados foi realizada com o elemento TERRA. Esse elemento foi pensado para o final, por ser o elemento que configura concretude. O grupo deveria estar apontando propostas para trabalhar a mística drogadição dentro do ABC.

Estavam presentes nove membros do grupo, incluindo uma nova companheira. Nova nas oficinas e nova como integrante da equipe de trabalhadores do ABC. A produção foi boa, houve uma interação importante.

A oficina teve seus momentos assim divididos: Aconchego; Teste do material; Relaxamento e Produção.

Esse momento do aconchego é bem mais do que uma simples conversa. Além de proporcionar a aproximação das pessoas, contribui para uma aquietação, concentração. Seria como “entrar no clima”, o que facilita bastante a hora do relaxamento. Nesse dia ficou acertado que o diretor teatral só deveria vir contrair-se com o grupo após o mesmo ter concluído a análise de suas produções e após a restituição das mesmas. Assim, se teria a visão do todo.

O material utilizado para trabalhar o elemento terra foi a argila. Então, num primeiro instante, eles a testaram. É interessante como a argila sugere troca de energia. As pessoas ficam quase mudas ao manusearem-na. É como um retorno às origens. Cada um cria. É a terra da criação.

O relaxamento foi livre, quer dizer, não trabalhamos o relaxamento de uma forma calma, mesmo sabendo que o momento seguinte poderia até exigir isso, afinal de contas eles iriam mexer com a argila, com a terra. Momentos de grande impenetração. Fizemos uma grande roda e dançamos livremente um “manguê” de Chico Science e Nação Zumbi, a música “afrociberdelia”. Eu também dancei. No início houve timidez, mas depois ficamos à vontade.

Nessa dinâmica, a pessoa que está no centro da roda faz o seu gesto, que será imitado pelos demais. Em seguida, antes de sair da roda, ela traz outro ao centro, que irá fazer o mesmo. Assim prossegue a dinâmica, até que todos tenham ido ao centro da roda. Uma outra variação dessa dinâmica é não colocar a música condutora, mas cada um imaginar a sua própria música, o seu próprio ritmo²⁴.

Na hora de trabalhar com a argila, o grupo teve alguma dificuldade. Parecia citado, provavelmente em função do “relaxamento”. Contudo, isso foi bom, pois atribuiu para mexer com o imaginário do grupo, para rompê-lo mesmo. Ainda assim, o grupo produziu. Depois, comentou sua criação e fez registro de suas impressões em papel.

Após esse dia deu-se um intervalo de um mês, aproximadamente, até nos encontrarmos novamente para o que chamamos de oficinas de análise dos trabalhos. Nesse intervalo, iniciei o agrupamento do material produzido pelo grupo, com o cuidado de não induzir, mas também lembrando ser uma voz dentro dele. Quando nos reunimos para as duas últimas oficinas, então, esse material ainda não estava concluído. A ele foram acrescentados esses dois últimos encontros.

²⁴ Guthier fez essa dinâmica, que foi sugerida por Tonho e Sandra Petit, com o grupo que trabalhou o tema EJO, por ocasião do Seminário Encontros. Fortaleza-CE, 29/05 a 05/06/00.

1.3.5 Um... dois... três... quantas você conta desta vez?

Entramos em uma nova fase da nossa pesquisa: Falo nossa, porque, ao se tornar grupo e ao me reconhecer como mais uma voz nesse grupo, admito não sermos mais uma só voz, somos várias. É muito difícil manter na escrita a exigência acadêmica de expressarem-se em uma só pessoa. Esse material foi produzido e composto a várias mãos. Dele fizeram parte não só o grupo, mas, também, pessoas que caminharam conosco desde o início do processo e que fizeram cada linha ser escrita, cada capítulo surgir, que sentiram conosco todas as alegrias, angústias e prazeres. Isso é impossível negar. O ideal seria poder apresentá-lo com todas as vozes que dele fizeram parte. Enquanto a academia não nos permite ousar na apresentação, faço-o, pelo menos, na escrita. (Gauthier et al, 1998)

Aqui foi o momento de análise do grupo-pesquisador, que foi dividido em dois encontros. No primeiro, ele analisou todo o material que produziu, de forma que todos puderam ter uma noção do que foi realizado por cada um, individualmente. No segundo, foi realizada análise de todo o processo, tudo que correu, desde o primeiro encontro.

Ao idealizar a primeira oficina para análise dos dados, pensei em utilizar técnicas que cumprissem aquele papel de romper com o imaginário do grupo. Sendo assim, optei por duas: O jogo da mentira, uma variação da brincadeira "jogo da verdade", sugerida por Gauthier²⁵ à Lia, que a utilizou primeiro com seu grupo de pesquisa, obtendo bons resultados ou, o que talvez possamos chamar de contra-resultado; O vampiro de Estrasburgo (BOAL, 1998, p.161).

A oficina ficou dividida nos seguintes momentos; Aconchego; Jogo da mentira; Divisão dos grupos; Análise dos dados e Socialização das análises realizadas pelos sub-grupos.

No primeiro momento expliquei ao grupo o que seria realizado naquele dia já passamos para o jogo da mentira, que se joga da seguinte forma: o grupo senta em círculo e uma garrafa de vidro é colocada ao centro. Quem quiser dá a

primeira rodada. A pessoa para quem a garrafa apontar, ao parar, irá responder a pergunta formulada por quem rodou a garrafa. Essa resposta deverá ser uma mentira. Quem respondeu, roda a garrafa e a brincadeira continua até que todos tenham rodado a garrafa e feito a sua pergunta, pelo menos uma vez. A pergunta deve ter relação com o tema da pesquisa em questão.

Devo dizer que atingi o objetivo: o grupo ficou ouriçado. As pessoas não ofereceram resistência ao jogo, mas, ficaram desconfiadas. Talvez aproveitando-se do momento, antes de fazerem a pergunta sobre o assunto, transgrediram e fizeram, primeiro, uma pergunta pessoal. Suas respostas, por vezes, ainda eram institucionais". O que pôde ser percebido, também, foi a resistência que alguns tiveram para seguir a regra da brincadeira. **Fogo-apagou**, apontado pela garrafa mais de uma vez, só conseguiu "acertar" em uma delas, após muita insistência do grupo. Sua resistência foi muito grande.

Algumas pessoas no grupo cumpriram o jogo com dificuldade. É difícil mentir, ou é difícil porque a mentira pode revelar a verdade? **Guaxe "enganchou"**, não conseguiu responder "o que é droga?". Outros usaram a ocasião para um resabafão e para questionamentos do tipo: relacionamento da equipe, remuneração, qualidade da assistência no trabalho do ABC.

O jogo da mentira foi um momento revelador do inconsciente do grupo-pesquisador que, nesse dia, estava quase todo presente e participante.

Para a divisão do grupo em quatro, pensei em uma dinâmica que antivesse o mesmo ritmo da anterior, sendo assim, escolhi o *Vampiro de Strasburgo*, que, na verdade, é um exercício que estimula os outros sentidos e a capacidade de perceber o que está ao seu redor, por privar o participante, temporariamente, da visão (BOAL, *op. cit.*).

O exercício tem início, com todos os participantes caminhando pela sala, olhos fechados, tendo cuidado para não tocarem uns nos outros e tendo as mãos nos cotovelos como proteção. O facilitador pega no pescoço de um dos participantes e ele passa a ser o primeiro vampiro: ele colocará os braços para

ente, dará um grito horripilante e sairá à procura de um outro pescoço para repetir o mesmo gesto. O grito permite que os demais participantes possam calizar a sua posição na sala e tentar escapar. O exercício prossegue até que todos tenham sido vampirizados. Pode acontecer, ainda, de um vampiro tocar no pescoço de outro vampiro e, nesse caso, ele será re-humanizado e gritará também, só que de prazer. Isso indicará que alguém foi re-humanizado.

O exercício foi ótimo! O grupo envolveu-se e soltou-se, foi uma boa contribuição para drenar tensões. Quando o grupo já estava bem "misturado" pela sala e todos já haviam sido vampirizados e/ou re-humanizados, pedi que abrissem os olhos, permanecessem onde estavam e dividi o grupo em quatro para que iniciassem a análise do material.

Para análise do material, cada sub-grupo ficou com o material de uma das oficinas de produção: desenhos, textos que escreveram e os que resultaram das aulas transcritas. Eles foram orientados a levar em consideração a relação daquele elemento em questão com o que consideravam ser o conceito de drogas. Em alguns momentos, solicitaram minha presença para esclarecerem dúvidas, mas, na maior parte do tempo, trabalharam entre eles.

Uma observação interessante é que Xexéu se fez nômade, na verdade, ingressor. Ele ficou o tempo todo indo de grupo em grupo. Não conseguiu ficar em silêncio.

O momento seguinte e que encerrou este dia, foi a socialização do material e cada sub-grupo analisou. À medida que eles iam apresentando o resultado da análise e comentando, o restante do grupo, também, participava.

O próximo encontro com o grupo ou a segunda e última oficina de análise dos dados, aconteceu três semanas após a primeira, cheia de imprevistos, que preferi deixar que acontecessem para ver no que ia dar. Foi um risco, mas preferi o brigar com o curso que as coisas foram tomando e deixei-me levar pela situação.

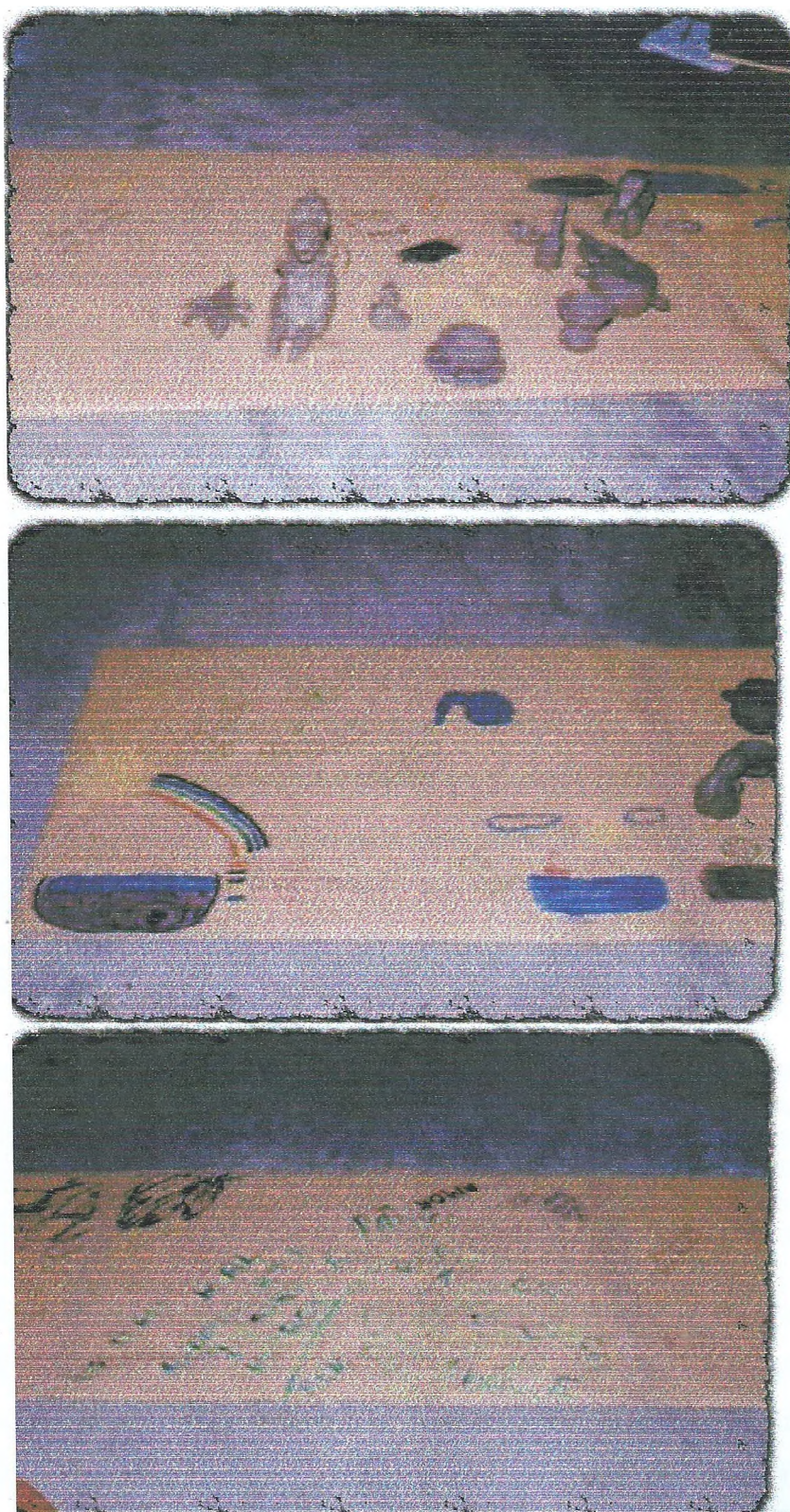


figura 05 – painel coletivo produzido pelo grupo-pesquisador
a última oficina

Para essa oficina, pensei em trabalharmos com a técnica da história a continuar, mas, na hora em que acabei de redigir a história base, vi que era um grande equívoco, havia construído a história para mim e não para o grupo. O jeito foi pensar outra atividade, mesmo quase sem tempo hábil para tal. Daí em diante, foi tudo diferente do previsto. Foi só intuição. Tentei quebrar a regra do que foi planejado. Arrisquei.

Para início de conversa, começamos com um atraso de meia hora. O grupo presente (**Graúna, Sabiá-laranjeira, Papagaio-verdadeiro, Arara-**

azul-de-lear, Soldade, Garibaldi, Gralha-do-campo, Fogo-apagou, Carretão, Pato-do-mato, Xexéu, Corrupião, Pimentão) parecia ansioso para iniciarmos. Seria pela certeza do fim dos encontros, pela possibilidade de conclusão ou por quererem ver o que fizeram, afinal?

A oficina foi dividida em três momentos: Relaxamento; Construção de um painel coletivo; Análise.

Retomei o relaxamento, sendo que, dessa vez, o eixo condutor partiu da fala deles no encontro anterior. Fui seguindo uma trilha a partir do que eles colocaram. Ao fundo, músicas de Kenny G.

Quando eles “despertaram” desse momento, pedi que ficassem juntos para a construção de um painel coletivo, onde procurassem expressar o conceito de drogas, partindo de tudo que produziram, falaram, analisaram. Coloquei à disposição todo o material que utilizaram nas oficinas de produção de dados. Eles poderiam usar o que quisessem.

O que aconteceu nesse momento, reflete a idéia de grupo que trabalho, conforme descrito por Barros (1993), de que, quando pensamos o grupo como um dispositivo, há uma maior possibilidade desse grupo descristalizar papéis, verdades e emergir para uma nova produção.

A autora refere (1993, p. 152) que:

“Se tomarmos o grupo como dispositivo, acionamos nele sua capacidade de se transformar, se desterritorializar, irromper em devires que nos descloquem do lugar intimista e privatista em que fomos colocados como indivíduos. O contato com a multiplicidade pode então fazer emergir um território existencial não mais da ordem do individual (seja aqui de um indivíduo, ou de um grupo), mas da ordem do coletivo”.

Observo que não trabalharam conjuntamente, com exceção de Sabiá-iranjeira, Corrupião e Graúna, mas, nem por isso, deixaram de realizar uma produção coletiva, dentro de sua polifonia. A multiplicidade, a heterogeneidade e fragmentação favoreceram um novo e rico processo de construção. (Barros, 1993).

Para a análise, solicitei que procurassem fazê-lo lembrando de tudo que havia acontecido desde o início. Pedi, ainda, que sugerissem um título para o nosso relatório final. Sugeri que, ao colocar suas falas, se reportassem, também, ao que haviam registrado no painel.

Nesse momento do processo de pesquisa, investi em uma fase “teoricamente” mais solitária, de conclusão do agrupamento das falas do grupo, de fazer a minha análise do processo e de me preparar para a restituição dos dados produzidos ao grupo.

Capítulo 5

***P* OR UMA MULTIVISIBILIDADE CRÍTICA**

“Por que universo? Multiverso”

(Alessandro Sales)

5 POR UMA MULTIVISIBILIDADE CRÍTICA

Estamos quase no fim de nossa viagem e pensamos: como chegamos até aqui? Entramos numa espaçonave guerreira, levando nossa bagagem de sonhos e fomos vivendo cada instante desse percurso, como um momento único. Corremos o risco de nos deliciarmos numa nova produção, diferente das nossas verdades. Assim, construímos conceitos, inventamos versos, produzimos um plural caminho. Caminho multiverso.

Essa é a cara do grupo-pesquisador e aqui me incluo, como personagem dessa história, que se construiu, a princípio, com pó-de-arroz institucional e foi, ao longo de sua trajetória, ora tirando, ora mudando sua maquiagem, como forma de se proteger ou, de poder dizer, o que não se diz apenas com palavras, mas também com o corpo, com a alma, com o cheiro.

Tentar agrupar a fala do grupo-pesquisador e, ao mesmo, tempo, não fazer recortes, não foi tarefa fácil, mas também não foi impossível. Afinal, nesse período em que estivemos juntos e o grupo fez a sua construção de um conceito de drogas, eu também me construí. Ou melhor, todos nos destruímos e reconstruímos após, ninguém saiu inteiro ou o mesmo dessa viagem.

O grupo-pesquisador produziu um novo conceito de drogas, o seu conceito. Nele estão explícitas ou implícitas suas implicações, sua visão de mundo, seu desejo, sua experiência, enfim, não é apenas um conceito, rígido e frio como a lápide de um túmulo, mas um confeto, como diz Gauthier et al (1998): conceito e confeto. Deleuze (1992, p.31) sobre conceito diz que:

“Os conceitos vão, pois, ao infinito e, sendo criados, não são jamais criados do nada. Em segundo lugar, é próprio do conceito tomar os componentes inseparáveis”.

Sobre o afeto refere o autor (1992 p.220):

“Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem, como os peceptos (entre eles a cidade) são as paisagens não humanas da natureza”.

O que aqui se espera não é explicitar, porque seria muito objetivista de minha parte, mas chamar atenção para as possibilidades de construção que foram surgindo, se concretizando, e continuam... o tempo não pára.

Em um dado momento, cheguei a considerar que o grupo-pesquisador havia “brincado comigo” de esconde-esconde, numa tentativa de não se expor e me dizendo, apenas, o queria ouvir. Fiquei com raiva e quase nem acreditei nessa possibilidade. Depois, lendo e relendo seu material com bastante calma, foi que pude ver e sentir que, desde o início, ele já “falava”, mesmo quando não verbalizava.

Daí que, para realizar o estudo sóciopoético do material produzido pelo grupo pesquisador, a partir das vivências com os elementos materiais água, ar, terra, fogo e ar, procurei estruturar o pensamento do mesmo como um todo, observando o que as pessoas apontaram como oposição, ligação, escolhas, sentido de existência e momentos de devires, de criação (Quadro 1). Busquei a relação que fizeram entre o que produziram e analisaram e o conceito de drogas proposto como tema de pesquisa e ainda todas essas relações com os conceitos da análise institucional.

Quadro 1 - Relação dos Elementos Materiais (TERRA/ÁGUA/FOGO e AR) e o conceito de Drogas. Categorias referenciais teóricas e empíricas, produzidas pelo grupo-pesquisador. Abril a Julho de 2000.

Categorias referenciais/ Elementos Materiais	Temas – Categorias Empíricas
FOGO	Preconceito. A droga vem da sociedade. Desprezo.
ÁGUA	Angústia. Problemas familiares. A droga, um bem ou um mal, nós estamos expostos a convivermos com ela.
AR	Alívio para problemas. Solidariedade. A má administração de qualquer coisa.
TERRA	Amizade. Estrutura familiar. Falta de informação.

A análise e a estruturação do pensamento do grupo leva a destacar dois temas principais na construção do conceito de drogas, fazendo com que os demais apontados (poder, gênero, solidão, desemprego, educação) girem em torno deles: **preconceito da sociedade e problemas familiares.**

Durante todo o transcorrer dos momentos de produção e análise do grupo-pesquisador, pude notar o rebuliço causado pela oportunidade que ele teve, de se fazer instituinte. Mesmo quando produzia ou analisava institucionalmente, como se olhos invisíveis o estivesse espreitando, não hesitava em “abrir” suas “reais” idéias em relação ao que estava pensando, ou melhor, ao que realmente pensa.

Ainda que a hegemonia do discurso institucional o fizesse dizer que “droga mata”, ele não vacilou em denunciar o preconceito por parte de quem não só discrimina o usuário de drogas, mas fomenta o uso delas. Kalina (1999).

Chama atenção para o papel da família na vida do drogadito, mas não a culpa por nada. Refere que deve haver mais compreensão por parte dos familiares e que essa base (a família) bem estruturada é importante. Além disso, mais do que alguns programas voltados para tratamento e recuperação do drogado há a necessidade de uma abordagem à família, afim de que se possa entender o que levou um de seus membros a usar drogas e o que fazer para intervir nesse sentido:

Tentando dar uma estruturação ao pensamento do grupo, descrevemos este momento em dois, sendo: Descrição a partir de três dos quatro momentos propostos pela sociopoética e uma mais livre, onde se evidencia ainda mais a construção do conceito de drogas.

Neste momento da estruturação do resultado a partir da vivência com os elementos materiais, lembrar que a questão proposta para trabalhar, a partir do imaginário do grupo foi: Qual a relação que você faz entre a água, a terra, o fogo e o ar..... e o conceito de drogas? Esse conceito não era um conceito livresco, mas o que estava no imaginário de cada um naquela ocasião, da forma mais transversal possível. Sendo assim, registramos:

a) **Momento viril** (momento das oposições, das escolhas, das alternativas) : Ficou evidenciado no devaneio com o elemento fogo e o elemento água, dois opostos.

A droga é tanto relaxamento quanto aprisionamento; no mesmo fogo que proporciona um encontro com o seu eu, mas dá a idéia de uma liberdade, falsa liberdade. O fogo é a própria droga e é a sociedade:

"As pessoas se admiraram com o fogo e se sentiram atraídas e puxadas por aquela coisa vermelha, bonita. Quando chegaram lá dentro, elas se acharam presas e não tinham como sair, elas se achavam... todas diziam que era a droga, aquilo era droga... eu calculei que elas estavam falando sobre a liberdade que tinham e não valorizaram". (Carretão)

"Existe droga até dentro da sociedade, não é só na nossa vida... como essas pessoas que vivem abandonadas. A droga vem da sociedade...". (Fogo-apagou)

A abstração da síntese poética do devaneio do grupo com o elemento fogo dá a idéia de que ele é uma possibilidade de perigo, de que pode queimar, mas também de que é relaxamento. Estar no meio do fogo inspira cuidado, mas também é um grande alívio.

"No começo, a gente caminhando, aquela coisa boa, que o pessoal usa só para relaxar, mas, depois que a gente se dá de frente com a realidade, vê que realmente é o fogo, que vai sugando cada vez mais..." (Gralha-do-campo);

"Muitas pessoas procuram as drogas para encontrar seu próprio ego, para encontrar com sua própria paz de espírito. Muita gente vai para as drogas, não com o intuito de prejudicar o próximo, mas com o intuito de ficar tranquilo, de relaxar dos problemas do cotidiano, principalmente dos familiares... a droga é uma opção de fuga de responsabilidade". (Carretão)

De fora das labaredas da fogueira parece ser quente, a chama da fogueira demora a queimar, entretanto, pode-se até sentar e meditar. Ao redor da fogueira sempre há também, como nas festas juninas, aí então, o fogo não é ameaça ou perigo, mas diversão. São crianças que correm, soltam papagaio, se divertem.

Dentro do fogo parece que existem olhos, olhos que vêem além, que abrangem os que estão ao nosso redor e as possibilidades de ajuda que não vemos. Mesmo assim, é como estar protegido por uma redoma, pois, mesmo dentro dele não dá para se queimar.

*"Eu me vi ali, dentro daquele meio, do fogo, com outras pessoas ao meu redor e eu me sentindo sozinha lá dentro, mas... é aquela estória de você viver no mundo cheio de gente e, ao mesmo tempo, se sentir sozinha. Eu ali sozinha e, ao redor, pessoas andando, eu pedindo ajuda, até com os braços e ninguém me escutava. Nesse caso, geralmente, as pessoas são criticadas, são apontadas como marginais, vagabundas. São poucas as que dão a mão para te ajudar. "**(Gralha-do-campo)**"*

Ao pensar na associação do fogo com a droga, ele remete ao passado e traz a lembrança de algo sujo e ruim, que destrói a segurança das paredes da casa e das portas que dão proteção, que invade sem permissão e fica ao redor, espreitando silenciosamente como uma fera quando vai atacar sua presa.

*"As drogas são uma parte do meu passado. A droga é uma pessoa cega, surda, muda. A droga é tudo de ruim que o mundo oferece. A droga mata, a droga rouba, a droga suicida, a droga perde a vergonha". **(Arara-azul-de-lear)**;*

*"O fogo é uma coisa que destrói, que acaba com tudo. Dizem que o mundo já foi destruído pelo fogo. A droga destrói também, acaba com a pessoa, acaba com a família. A droga leva à morte". **(Papagaio-verdadeiro)***

Essa síntese imaginativa encerra-se em uma imagem fluida e sem formas, talvez até caótica, mas que, pelas suas cores, mostram a possibilidade de paz, de esperança, de raízes. As cores se fundem e formam estruturas como alianças. Que lembram, também, plenitude.

Na água, é conforto, é paz, mas gera angústia. E, ao mesmo tempo, deslumbramento e desamparo. É fluidez de espírito contrapondo-se a problemas miliares:

*"Quando comecei a entrar no mar, me senti deslumbrada e, ao mesmo tempo, desamparada... dentro da bolha (na água), estava quente e confortável. Comecei a lembrar da minha infância e a única coisa triste foi a lembrança dos meus tios que eram alcoólatras. Senti angústia". **(Condor-dos-andes)***

As imagens geradas pela experiência com a água parece ter despertado, ainda, uma sensação de medo e contemplação. Um medo que faz recorrer a uma ilha para poder observar as profundezas do oceano, que podem ser os próprios problemas, ou, às vezes, ser jogado nessa mesma bolha, de um lado para o outro em um mar raivoso; a contemplação de quem, ao longe, não sabe como ajudar a quem está fora da bolha.

“Eu estava na praia, deitada, deu uma vontade de entra no mar, aí eu nadei, nadei, quando dei fé, estava lá no fundo. Aí vi a ostra, vi o peixe, vi a alga marinha, mas quando eu vi o tubarão, entrei dentro numa bolha. Quando eu saí foi pretinha por causa do susto, foi preta de medo mesmo, porque a baleia estava atrás de mim como um peixinho (...). Pra mim esse aí era o caminho que eu tinha pra sair da droga, eu entrei dentro do mar. Para mim ali foi uma saída que eu achei. Lindo...os peixinhos... depois eu voltei pra droga da vida de novo”. (Azulão);

“Sentado na bolha em alto mar, coloquei em mente a vida de um amigo usuário de drogas que há muito tem sua vida desajustada. Nesse momento a bolha começou a girar, devido a várias e enormes ondas que quebravam a todo o instante. Dentro da gruta, totalmente escura, me veio a imagem do meu amigo com uma expressão de alegria e extroversão meio falsa, a qual me deixou amargurado. Ao chegar em terra firme continuei angustiado, como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo, lembrando sempre das horas em que o mar estava agitado, fazendo com isso girar, sem parar, a bolha”.(Corrupião)

Algumas vezes, essa imagem é borrada, escura, como se quisesse denunciar algo de oculto nessas águas. Outras vezes, a imagem é clara, tem sol, em mar calmo. Tem casa com crianças em volta e um jardim. Entretanto, essa ranqüilidade parece sempre ser interrompida por correntes, que denunciam orisão. A água parece ser alegria, mas também é tristeza, é ilusão.

Os confrontos entre um discurso instituído e um instituinte se tornam claros na fala-corpo desse grupo, questão essa que se pode observar em todos os momentos do processo, aliás.

b) Momento mulheril (fluidez)

O grupo aponta a droga como um alívio para problemas de qualquer ordem apresentado na relação que fazem dela com o ar. Alívio esse gerado por uma linha tênue que atravessa o corpo e o mantém suspenso, ereto, enquanto o faz olhar e observar tudo de cima. Assim, torna-se também uma fuga, fuga essa que se complica se não se souber como administrar esse “alívio” momentâneo:

“É maravilhosa a sensação de estar suspenso como pássaro em pleno-ar, a observar tudo do alto e ver um belo por do sol... a noite chegando com os raios da lua a nos iluminar com sua prata-reluzente, mas, ao refletir tudo isso, me imaginei no contrário, tudo obscuro, sem luz e sem brisa, que terrível aquela situação! O que fazer? Como sair e ver o sol novamente? Estou precisando de ajuda”. (Asa-branca)

"Me senti mais aliviada, porque estou com uns problemas aí... até que deu pra resolver mais". (Azulão)

"A droga é tão somente a imagem da má administração de qualquer coisa". (Corrupção)

"Quando eu vi uma pessoa se drogando, eu a convidei para fazer uma viagem comigo e ela aceitou... falei da palavra de Deus, contei os exemplos das drogas, o mal que ela faz". (Soldado)

A fé de que Deus pode ajudar a superar esses problemas é um aspecto presente para esse grupo, que aponta ainda, na família, apoio fundamental para superação de crises.

Ao devanear com o ar, o grupo demonstrou, ao tentar equilibrar a spiração, de conte-la, cada um no seu ritmo, que o ar é busca de paz. Nas viagens, há pessoas sempre ao centro e os outros elementos da natureza à sua volta, dando a idéia de busca de equilíbrio. Essa busca de equilíbrio parece ir contra a maré, como um grande peixe que migra em busca de águas calmas.

Há, ainda, um jogo de cores nas imagens, uma explosão caótica, mesmo e seja para dizer que há luz e trevas.

O ar também é uma mulher, vestida de sangue e esperança.

Na terra, a passagem de uma porta larga e ampla do poço para uma estreita, denota a dificuldade do envolvimento de quem se envolve com as drogas, mas terra é vida e é base, assim como a família. Uma aproximação maior com ambos pode proporcionar uma combinação fundamental para o enfrentamento de qualquer mudança:

"As formas que eu fiz mostram uma entrada grande, mas não mostram onde vai dar. Quando eles (os jovens) chegam onde pensam que é um lugar bom, aí é que eles se enganam, porque aonde eles chegam realmente pode ser o seu fim". (Carretão)

"A relação que eu fiz das drogas com a terra, é que ela (terra) nos mostra firmeza, estrutura, base forte e pode ser usada como ponto de apoio, pois se nos relacionamos com a terra e a natureza, perceberemos o que ela tem de bom para nos mostrar". (Garibaldi)

c) **Momento filosófico** (sentido da existência)

As drogas são a morte no ar e a vida na terra. Ainda no ar elas são um canal de comunicação entre o pajé e seu deus, que o faz sem gerar conflitos no

eu povo. Na nossa sociedade civilizada nós não sabemos administrar o uso da droga e ela passa a ser uma falsa liberdade:

"No começo tudo é belo, cheio de viagens, pensamentos altos e longos, só de imaginar você voando nas nuvens, é maravilhoso. Teu corpo balança como os galhos de uma árvore envolvida numa ventania agradável. Mas, de repente, os galhos quebram e a gente desaba, se taca no chão com todo o corpo e aquela ventania gostosa acaba virando um enorme furacão. A gente fica no meio de um bocado ruim, que parece não ter mais fim, mas... pra tudo tem um jeito, um começo, meio e fim, mesmo que o fim seja a morte". (Gralha-do-campo)

"O pajé de uma tribo usa uma determinada raiz que o coloca em transe para comunicar-se com o seu deus Tupã e nem por isso sua tribo é composta de pessoas insociáveis; nem por isso sua tribo usa e nem por isso ele vive drogado. Nós, pessoas civilizadas não conseguimos administrar isso. As pessoas que não conseguem suportar, não estão preparadas e usam a droga para fugir". (Corrupião)

Para a facilitadora fica evidenciado algo que só torna mais extraordinário toda essa forma de pesquisar, dando ao outro, voz e vez. O grupo ousa em assumir uma postura de dizer que o problema não é a droga em si, mas outros, como a fome, o desemprego, entre outros, encobertos por uma cortina de fumaça, e tenta, e até consegue, que muitos acreditem ser a substância drogaditiva o único vilão da história.

Onde ficam as grandes redes de tráfico que sequer são eliminadas por quem se diz ter o poder para tal? Onde estão os "cabeças" dessas redes? Essas são perguntas que talvez nunca tenham resposta, mas que, certamente, estarão sendo questionadas cada vez que um grupo ousar colocar o "dedo na ferida".

A essas várias possibilidades de se conceituar as drogas, chamamos de **visibilidade crítica**. **Multi**, porque não é uma, **visibilidade**, porque é **interreferencial**, é **grupal**, é **transversal**, **crítica**, porque produzida. Com isso, não há a pretensão de se criar um novo conceito, mas de poder compartilhar uma produção. Certamente o futuro, o tempo, se encarregará das boas novas.

Capítulo 6

P RODUZINDO NOVOS CONCEITOS

“O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir... Cada conceito corta o acontecimento, o recorta a sua maneira”.

(Gilles Deleuze)

6 PRODUZINDO NOVOS CONCEITOS

A impressão que temos é que, quanto mais tempo passarmos ao lado desse grupo, mais aprenderemos com ele. O grupo cria, estabelece, faz novas proposições com seu corpo e sua voz. Cada frase remetida verbalmente tem um eco não verbal, é uma dança de corpos que propõem novos sentidos cada vez que se baila, cada vez que se deseja lê-la.

O conceito de drogas tem o sentido que o grupo lhe atribui, pois não é despedido do mesmo ou do coo de verdade. Ele faz isso com uma maestria impressionante. Desmistifica a noção da produção grupal hegemônica e propõe uma outra, polifônica.

Ainda que quiséssemos aprisionar esse conceito, seria impossível, pois o grupo mostra ser verdadeiro a transversalidade com que ele se constrói, assumindo novos contornos. Deleuze (1992, p.29-30) diz que:

“Num conceito, há, no mais das vezes, pedaços ou componentes vindos de outros conceitos, que respondiam a outros problemas e supunham outros planos. Não pode ser diferente, já que cada conceito opera um novo corte, assume novos contornos, deve ser reativado ou recortado”.

Ao produzir um novo conceito de drogas, o grupo aponta vários temas, conforme já referido anteriormente, sendo que dois sobressaem, sendo eles: **reconceito da sociedade**, em relação ao drogadito e **problemas familiares**, de várias ordens (financeira, afetiva), que contribuem para levar a criança ou o adolescente ao uso de drogas ou para sua permanência nele.

Talvez um aspecto bem significativo do que foi apontado pelo grupo, é que não foram situações vistas à distância, experiência de outros, mas situações bem próximas a ele, em alguns casos, experiência pessoal. Tudo isso dá um sentido ainda maior ao que diz.

Ao se reportar aos problemas familiares, ressalta aspectos que são estruturais e afetivos, como evidenciados na fala de **Graúna e Fogo-apagou**, respectivamente:

“Eu acho que droga, droga mesmo é uma coisa familiar. É a falta de lazer em casa, a falta de dinheiro, problema de saúde, de emprego, de fome. Eu acho que tudo isso aí leva a criança para a droga, leva o adolescente para a droga. É um mau entendimento”.

“Muitos adolescentes são abandonados pelos pais, maltratados e se tornam presa fácil dos traficantes. A droga só basta a pessoa oferecer a você uma vez”.

Mas o grupo não se limita a uma análise crítica e aponta saídas, que ele acredita serem corretas. Algo que possa ser viabilizado no próprio ABC, dentro de uma visão preventiva, como por exemplo:

- Desenvolver um trabalho, onde, o primeiro passo seja detectar uma família ou uma criança ou um adolescente usuário de drogas. Feito isso, identificar o que está sendo a causa principal e tentar por fim a ela;
- Se o problema for desemprego na família, providenciar para que o responsável pela mesma passe por um curso de profissionalização e que tenha acesso a um emprego.

Essas propostas, o grupo propõe que sejam pensadas como programas governamentais e monitoradas até que tudo seja resolvido. O grupo avalia que o acompanhamento que o ABC faz às crianças e adolescentes é uma gota no oceano, pois não há pessoal suficiente. Para ele, o que for desenvolvido, deve ser para todas as unidades de ABC.

No ponto preconceito, eles falam com a alma, a sensação que dá a quem vive, é de aquilo que relatam já lhes cortou a alma e deixou uma grande ferida. Mesmo que as oficinas não tivessem uma proposta de terapia grupal, foi um momento em que eles se abriram, se desnudaram, como se isso fosse essencial para que a produção fluísse.

Xexéu, ao fazer um relato emocionado, em que conta sua experiência com as drogas, critica as atitudes preconceituosas, dizendo:

“Às vezes uma crítica, um isolamento, uma decepção, levam uma pessoa a ser usuário e cabe a nós, sabe... assim, como um dia me enxergaram e olharam não pro meu... porque a gente tem esse mal, a gente olha para uma parede dessa, branca, limpa e, se tem um pinguinho preto, eu não olho para a qualidade da parede que é branca, eu só olho para o pinguinho preto. Se eu olho para um viciado, eu só vejo que ele é viciado, que é um sem

futuro, que não tem valor, que aquele ali é um cara perigoso para a sociedade. Por trás daquilo, ele é um ser humano que precisa de carinho, de afeto, de compreensão, amor e, acima de tudo, respeito”.

Além dessas questões, aparece ainda como aspecto relevante, o lado religioso desse grupo, que aponta a fé em Deus como potencial ajuda para deixar o uso das drogas, como evidenciado em sua fala ao se reportar ao painel coletivo que produziram na última oficina:

“E... o sol maior, que é como se fosse a luz de Deus, a força maior vem dele. E se você permitir, der ma passagem, uma abertura, a força vai crescer, basta você dar uma oportunidade...”. (Garibaldi)

“... a gente fez aqui a imagem de Cristo e Deus segurando, quando ele ressuscitou, porque, quando o drogado está realmente sem jeito, a única solução que tem mesmo nos ‘Desafios’ ou em qualquer outra entidade que cuida de drogados, eles se baseiam, se fundamentam na religião, em acreditar no invisível, em acreditar numa força bem superior que possa ajuda-los daquele problema que fez com que eles se envolvessem com esse tipo de coisa pra poder se satisfazer de uma coisa que eles estavam passando”. (Corrupião)

“Essas palavras aqui fazem parte das pessoas que estão em cima desse muro, que querem sair, mas não têm força, querem lutar pela vida, querem encontrar o amor das outras pessoas e, se possível, a oração, a fé, Deus em primeiro lugar, a transformação de vida, o resgate, a salvação e o bem para si próprio, porque a alma que se encontra com Deus, ela faz um bem para si próprio, porque ela se encontra com o seu criador...”. (Xexéu)

Ao se reunirem para a construção de um painel final, que expressasse a construção coletiva de um conceito de drogas, conforme já relatado no cap 4, o grupo não trabalhou homoganeamente, mas o que produziram polifonicamente, foi o texto a seguir:

“A droga é um arco-íris diferente, pois a ele acrescento o preto, que é a vida. O vermelho é a escolha errada; o verde, a esperança; o amarelo, luz e paz e o azul, porque não tinha o branco, paz.

As drogas, você pode vencer, com coragem e bravura, como o guerreiro que venceu o lagarto.

Entretanto, quando tudo chega ao fim, essa coragem e bravura só pode vir de uma força superior, de Deus.

A solidão, os problemas familiares, a falta de lazer em casa, de dinheiro de saúde e de emprego, são uma droga e levam o adolescente a usar drogas.

Drogas podem ser ilusão, busca pelo aparente, mas muita gente a usa, acreditando que vai encontrar a felicidade.

O preconceito para com o drogado só o destrói. Eles são seres humanos e podem mudar, todos devem entender isso. Marginaliza-lo, torna-o presa fácil dos traficantes, principalmente as crianças.

Amar ao próximo, esse é o mandamento".

Capítulo 7

D IÁRIO DE BORDO: O ENFOQUE DE UMA TRAVESSIA

“O aspecto dialogal e dialógico da pesquisa constitui-se num espelho para a pesquisadora, para ela descobrir vários lados desconhecidos de si mesma, talvez as suas próprias costas.”

(Gauthier)

7 DIÁRIO DE BORDO: O ENFOQUE DE UMA TRAVESSIA

Sentada em frente ao computador para escrever aquele que nomeei o último capítulo dessa deliciosa viagem, sinto uma mistura gostosa de emoções. Primeiro, um alívio por estar conseguindo concluir a escrita do que a academia chama de relatório final da pesquisa. Depois, uma saudade que já começa a aparecer. Saudade de tudo que passou e que, pelo menos em parte, deixei registrado no meu diário individual de pesquisa, que foi meu amigo, companheiro e confidente, muitas vezes às madrugadas e que recebeu o nome de *diário de bordo*, afinal, estava fazendo o registro de uma viagem inesquecível, a viagem em que se daria o início do meu processo de construção como pesquisadora e me mostraria a descoberta de um mundo novo.

Talvez por descuido ou por inexperiência, não iniciei os registros no diário logo que parti para a pesquisa de campo propriamente dita, mas, também, não acho isso como uma perda, pois fez parte do processo e tudo foi computado como importante ou necessário para que eu pudesse aprender, me desenvolver, escrever. É bem verdade que hoje, ao chegar aqui, ainda não me considero pronta, mas sei se irei pensar assim algum dia, mas sei que já não sou mais a mesma de quase dois anos atrás. Tudo mudou.

Os registros foram sendo iniciados e o diário - parte de mim - tomando corpo, assumindo uma cara. A escrita foi feita de uma forma empírica, sem toques, pois não queria correr o risco de prejudicar o conteúdo. E dessa forma, que decidi trazer o diário para o corpo da dissertação, onde ele entra desde a primeira página e vem dar o fechamento, o arremate final. Vale dizer que fui corajada a fazê-lo, pela minha orientadora, pois considerou estar aqui a alma do processo. No diário trato das minhas angústias para definir o meu "objeto" de pesquisa, depois, encontrar um referencial teórico que desse conta dele, o dia-a-dia com o grupo-pesquisador, enfim, tudo e muito mais. Todas as minhas aplicações, ou melhor, todo o processo de entender e admitir minhas aplicações nessa história.

7 DIÁRIO DE BORDO: O ENFOQUE DE UMA TRAVESSIA

Sentada em frente ao computador para escrever aquele que nomeei o último capítulo dessa deliciosa viagem, sinto uma mistura gostosa de emoções. Primeiro, um alívio por estar conseguindo concluir a escrita do que a academia chama de relatório final da pesquisa. Depois, uma saudade que já começa a aparecer. Saudade de tudo que passou e que, pelo menos em parte, deixei registrado no meu diário individual de pesquisa, que foi meu amigo, companheiro e confidente, muitas vezes às madrugadas e que recebeu o nome de *diário de bordo*, afinal, estava fazendo o registro de uma viagem inesquecível, a viagem em que se daria o início do meu processo de construção como pesquisadora e me mostraria a descoberta de um mundo novo.

Talvez por descuido ou por inexperiência, não iniciei os registros no diário logo que parti para a pesquisa de campo propriamente dita, mas, também, não penso isso como uma perda, pois fez parte do processo e tudo foi computado como importante ou necessário para que eu pudesse aprender, me desenvolver, crescer. É bem verdade que hoje, ao chegar aqui, ainda não me considero pronta, mas sei se irei pensar assim algum dia, mas sei que já não sou mais a mesma de quase dois anos atrás. Tudo mudou.

Os registros foram sendo iniciados e o diário – parte de mim – tomando corpo, assumindo uma cara. A escrita foi feita de uma forma empírica, sem toques, pois não queria correr o risco de prejudicar o conteúdo. E dessa forma, é que decidi trazer o diário para o corpo da dissertação, onde ele entra desde a primeira página e vem dar o fechamento, o arremate final. Vale dizer que fui encorajada a fazê-lo, pela minha orientadora, pois considerou estar aqui a alma do processo. No diário trato das minhas angústias para definir o meu “objeto” de pesquisa, depois, encontrar um referencial teórico que desse conta dele, o dia-a-dia com o grupo-pesquisador, enfim, tudo e muito mais. Todas as minhas aplicações, ou melhor, todo o processo de entender e admitir minhas aplicações nessa história.

7 DIÁRIO DE BORDO: O ENFOQUE DE UMA TRAVESSIA

Sentada em frente ao computador para escrever aquele que nomeei o último capítulo dessa deliciosa viagem, sinto uma mistura gostosa de emoções. Primeiro, um alívio por estar conseguindo concluir a escrita do que a academia chama de relatório final da pesquisa. Depois, uma saudade que já começa a aparecer. Saudade de tudo que passou e que, pelo menos em parte, deixei registrado no meu diário individual de pesquisa, que foi meu amigo, companheiro e confidente, muitas vezes às madrugadas e que recebeu o nome de *diário de bordo*, afinal, estava fazendo o registro de uma viagem inesquecível, a viagem em que se daria o início do meu processo de construção como pesquisadora e me mostraria a descoberta de um mundo novo.

Talvez por descuido ou por inexperiência, não iniciei os registros no diário logo que parti para a pesquisa de campo propriamente dita, mas, também, não tenho isso como uma perda, pois fez parte do processo e tudo foi computado como importante ou necessário para que eu pudesse aprender, me desenvolver, crescer. É bem verdade que hoje, ao chegar aqui, ainda não me considero pronta, nem sei se irei pensar assim algum dia, mas sei que já não sou mais a mesma de quase dois anos atrás. Tudo mudou.

Os registros foram sendo iniciados e o diário – parte de mim – tomando corpo, assumindo uma cara. A escrita foi feita de uma forma empírica, sem retoques, pois não queria correr o risco de prejudicar o conteúdo. E dessa forma, foi que decidi trazer o diário para o corpo da dissertação, onde ele entra desde a primeira página e vem dar o fechamento, o arremate final. Vale dizer que fui encorajada a fazê-lo, pela minha orientadora, pois considerou estar aqui a alma do processo. No diário trato das minhas angústias para definir o meu “objeto” de pesquisa, depois, encontrar um referencial teórico que desse conta dele, o dia-a-dia com o grupo-pesquisador, enfim, tudo e muito mais. Todas as minhas aplicações, ou melhor, todo o processo de entender e admitir minhas aplicações nessa história.

7.1 Minhas implicações

Decidir fazer uma pesquisa envolvendo a temática drogadição foi, para mim, um verdadeiro desafio. Primeiro pela minha, poderia dizer, total inexperiência em trabalhar com o assunto; e, depois, pelo medo que tem várias nuances. Medo de enfrentar esse novo, que era construir uma dissertação de mestrado e, ainda por cima, com esse tema; definir o objeto e me aproximar dele.

De início, pensava em avaliar o impacto das políticas públicas a respeito dessa temática, envolvendo os aspectos relativos ao uso, prevenção e repressão. A dificuldade em encontrar o “rumo” dessa pesquisa foi grande. Certamente a minha inexperiência em trabalhar com a temática estivesse contribuindo bastante para essa crise. O fato é que os dias de aula no mestrado se passavam e a angústia em não “fechar” o objeto aumentava. Ficava ouvindo as companheiras falarem de seu progresso na construção do projeto e sofria por acreditar que o meu estava no “ponto zero”.

Um belo dia dei meu grito de liberdade (gosto dessa expressão, será que há implicações por detrás dela?). Fazendo uma pesquisa para a disciplina de métodos qualitativos de pesquisa, entrevistei o Novo (codinome do adolescente entrevistado, mas que tem relação com suas expectativas reveladas). Da conversa com ele, descobri meu caminho. Acho que quase “surtei” de tanta alegria.

Entretanto, no exame de conhecimento, fui interrogada por uma das examinadoras, sobre quais eram as minhas motivações “não-oficiais” nessa pesquisa, a verdade é que ela não se deu por satisfeita pelo que eu havia, inicialmente, elegido como tal. O pior: nem eu sabia. Mesmo assim, dei prosseguimento aos trabalhos. Iniciei as oficinas para produção de dados. Logo na primeira, por uma coincidência ou providência (acho melhor assim, pois não acredito em coincidências), na técnica utilizada para trabalhar a oficina, me vi relatando “implicações” escondidas, o “não dito” na minha relação familiar, ou melhor, o que ficou da separação dos meus pais.

O tema escolhido pelo grupo-pesquisador para ser trabalhado naquela oficina foi responder à pergunta “o que são drogas?”²⁶. A técnica utilizada foi a do teatro-imagem, citado por Santos e Gauthier (1996), com base no Teatro do Oprimido (Boal, 1983), onde, após um momento de relaxamento conduzido, o grupo deveria responder a essa pergunta com uma imagem congelada, uma só pessoa do grupo seria sorteada para montar a cena, os atores da cena seriam alguns membros do grupo selecionados pelo sorteado. Os demais iriam fazer a leitura daquela cena e, depois, haveria a discussão em grupo. Assim foi feito, mas a “zebra” da história é que eu fui a sorteada.

Na hora fiquei na dúvida se deveria fazer assim, porque, afinal de contas, estava lá como facilitadora. Como iria fazer minhas observações daquele momento? Como me expor? Mas não quis voltar atrás e fui. No momento das discussões, coloquei que, para mim, a droga não se limita a uma substância química capaz de alterar o comportamento das pessoas, um relacionamento familiar conturbado, cheio de “faltas”, de “ausências”, também é uma droga tão potente e tão capaz de acabar com a vida de uma pessoa quanto as outras.

Na minha vida tem sido assim: meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos; entre os cinco e sete anos fiquei morando com minha avó paterna e meu pai, que todos os dias dizia que eu era a razão de sua vida, um dia encontrou outra mulher, foi morar com ela e pronto, eu deixei de ser aquilo que dizia. Da minha avó paterna e meu avô (padrasto do meu pai) sempre recebi muito carinho, mas minha avó e minha tia paterna falavam mal de minha mãe e isso me incomodava. Aos oito anos fui morar com minha mãe em Salvador (BA), pois ela havia se mudado para lá algum tempo após a separação. Lá ela teve um outro companheiro. Em dois anos que estávamos por lá, minha mãe resolveu se separar e voltar para Fortaleza e aí, tudo começou, o ano era 1977. De lá até hoje, 2000, são 23 anos. Conflitos pessoais de todos nós (a outra família de meu pai mais eu, minha mãe e meu irmão) vêm e vão e, nesse bolo, ou nó, como costumam dizer, fico muito incomodada. Dói.

²⁶ Mais detalhes sobre esta oficina, no capítulo 5.

Descobri, então, com aquela técnica, as motivações que me levaram a entrar neste projeto, penso eu. Espero que isso (o problema dos meus pais) se resolva, que “essa droga” não me entorpeça mais, que eu consiga me libertar dela e de todos os fantasmas que ela traz. Desejo que eles finalmente se encontrem e sejam felizes.

Conversando com minha orientadora sobre o que tinha escrito anteriormente, ela disse que ainda não era suficiente e, tentando me auxiliar nessa busca mais profunda do meu eu, chegou a me abordar se eu já havia usado drogas, respondi que não, o máximo que fiz, foi fumar cigarro por uns quinze dias, ainda na adolescência e algumas (péssimas) experiências com o álcool até pouco tempo atrás.

Na conversa com ela, fui lembrando que, por volta dos 14 anos, juntei-me a um grupo, de moças e rapazes, adolescentes todos - sob a coordenação de uma amiga - interessado em colaborar para a estruturação de um centro de recuperação para mulheres viciadas em drogas, quando este viesse a existir. Não passei muito tempo freqüentando o mesmo, pois como ainda era muito jovem e o local de reunião ficava longe de minha casa, precisava de minha mãe para ir até lá, o que não era muito legal porque ela ficava querendo participar das reuniões e não podia.

Esse Centro de recuperação feminino ainda não é uma realidade hoje, pelo que sei, pois, apesar de já contarem com o projeto do prédio e o terreno, ainda faltam o dinheiro e, penso, os recursos humanos.

Entretanto, a minha ligação com essa amiga que coordenava o grupo continuou e, anos mais tarde, ou seja, 1992, já casada, passei a freqüentar uma igreja pastoreada por seu pai e seu irmão.

Há mais ou menos uns dois anos, conversando com um dos pastores, discutimos sobre a possibilidade de um trabalho, em nível ambulatorial, para acompanhamento a drogaditos. Vi naquela conversa a oportunidade de retomar um sonho antigo. Essa conversa ficou ali, mas quando acontecer precisarei estar preparada. Foi então que resolvi investir nessa formação e me preparei para

ingressar no curso de mestrado, acreditando encontrar no mesmo os requisitos necessários.

Como já disse antes, as minhas dificuldades residiam, principalmente, no fato de que eu não tinha qualquer experiência em trabalho com drogaditos, entretanto a possibilidade de vir a ter me animava muito. Mesmo não tendo experiência na área e encontrando dificuldades, iria supera-las.

Uma outra questão que me lembrei na conversa com minha orientadora, foi que algumas pessoas muito próximas a mim usaram drogas ou tiveram rápido contato com elas e isso me incomodou bastante na época. Vimos que havia importância nisso, pois esses fatos poderiam estar revelando a minha própria postura em relação às drogas. O mais engraçado é que não me considero preconceituosa, se é o que parece e até entendo ser de fundamental importância não sê-lo, se quiser trabalhar nessa área.

Pensei em utilizar abordagens criativas, que se aproximassem mais do drogadito. Estava querendo não ser estigmatizante, mas também, se parecesse que era, é porque algo deveria existir e aí só o tempo para me livrar dessas amarras.

7.2 Minhas angústias, meus prazeres...

Depois desses registros iniciais, passei um bom tempo sem escrever nada, pois minha cabeça e o resto do corpo também, estavam voltados para o papai, que passou 32 dias internado no HGF²⁷, entre junho e julho de 2000, sendo quase todo o tempo na UTI²⁸. Fiquei sem sequer querer abrir o projeto, sem escrever uma linha, só o fiz após a alta dele.

Até voltar a escrever novamente, aconteceram parte das oficinas com o grupo pesquisador, que estão registradas no capítulo 5 e um Seminário com o prof. Jacques Gauthier, de grande importância para mim e sobre o qual faço referência no capítulo 4.

²⁷ HGF- Hospital Geral de Fortaleza-CE

²⁸ UTI- Unidade de Terapia Intensiva

Para não deixar de falar o que aconteceu nesse período, aqui se deu o curso com o Jacques. Posso dizer que a expectativa era grande, mas o retorno foi muito grande também, embora nem todos os membros tenham achado assim. Querer o quê? Isto é sociopoética e não um monte de marionetes. Polifonia pura.

Todos os momentos do encontro foram enriquecedores. Principalmente, porque me permitiu “viajar” mais ou, simplesmente, “viajar”. Andava muito terra, muito raiz. Me permiti ser mais fogo, mais “desejo”.

Ah! Não dá pra deixar de dizer que nesse período eu Lia, minha companheira de sociopoética e mestrado, tivemos orientação individual com Jacques. Isso foi muito importante, afinal, quantos conseguem ter orientação direta com o pai da metodologia que está usando em sua dissertação? Fica aqui o registro e o agradecimento a Jacques pela acolhida.

Atenção leitores, o que vocês lerão a seguir é tudo, inclusive o que passa em suas cabeças agora (saiu no curso, em um de seus momentos):

O DESEJO

O desejo me sobrevém como uma fonte, nascedouro de outras fontes, de outros momentos, espaços cósmicos, caóticos ou não, sobrevivente a qualquer racionalidade;

O desejo às vezes se oculta, se esconde de mim e busca seus caminhos, suas idas e vindas, seus sonhos, sem limitar-se a padrões de feio ou bonito. O feio é belo e o belo transcende;

O desejo é sangue, é fogo, é brasa viva, paixão incandescente, loucura de mim, do meu eu, é pura explosão, palpitante, pulsátil, erético, errático;

O desejo é querer, querer mais, querer ir além, querer paz de diferenças, equilíbrio de opostos, multiplicidade, revolução, revolucionar-se.

Desejo é troca

é simbiose

é sexo

é cheiro,

é mais.

Ainda nesse período do curso de mestrado (ano 2000), fiquei, juntamente com Lia, freqüentando, como aluna especial, as aulas ministradas pela Dra. Sandra Petit, no curso de pós-graduação da Faculdade de Educação da

Universidade Federal do Ceará. Aliás, foi por ter tido acesso a essas aulas, que conhecemos um grupo maravilhoso, interessado pela sociopoética, análise institucional e esquizo-análise e do qual nos aproximamos. Juntamos nossas experiências, compartilhamos dúvidas e criamos laços de amizade muito forte, desses que o tempo não apaga. Com esse grupo organizamos e realizamos o seminário com Jacques Gauthier.

No encerramento da disciplina do primeiro semestre de 2000 (Tópicos Avançados em Educação III: Análise Institucional ou A Arte da Pesquisa Implicada), que foi o momento de avaliação, o parâmetro foi falar um pouco sobre as impressões da disciplina e a relação disso com o seu projeto. Cada um deveria fazer como quisesse. Fui escrevendo a minha e, quando me dei conta, tinha feito algo parecido com um cordel, num estilo chamado “martelo agalopado”, segundo nosso colega de turma e músico, Babi Fonteles.

O que escrevi apresentei ao Babi, a Lia, Hercilene e Rose, também colegas de turma, que acabou resultando numa música.

Abaixo, transcrição do texto original:

*Tentando achar um caminho de possibilidades,
Tentando criar sem racionalidades,
Me descobri num processo incomum, diferente das minhas
verdades.
Querendo ser a possibilidade do outro
E ouvir a voz das inconsciências
Me vi em estradas outras,
Caminho das multireferências.
Intencionalmente desejei as horas,
Desejei o tempo, desejei a hora,
Desejei a vida, descoberta dos fatos criados,
Desejei a liberdade dos atos.
E assim, estando ainda inconclusa, mesmo por não querer
conclusões,
Gozo com a incompletude, com as vozes e com as canções.*

Esse texto sofreu alguns ajustes e adendos, posteriormente, para ser transformado em canção. Os ajustes na letra foram feitos por nós cinco e Babi

ainda colocou a melodia. Feito isto, cantamos. Ficou o bicho (essa expressão foi incorporada, ela é, originalmente, da Rose).

Nesses dias, ficamos na expectativa de mais um encontro com Jacques. Ele deveria retornar para realizarmos uma avaliação sobre o seminário e termos orientação com ele, só que coletiva.

No dia que estivemos com Jacques, então, fiquei chateada, zangada, com raiva, muita mesmo. Depois de três meses de pesquisa é que fui descobrir que o grupo não saiu da sua posição institucional, no que diz respeito ao conceito de drogas (pensava na ocasião). Eles permaneciam fechados, pareciam ostras. Senti-me arrasada, parecia que toda a leitura feita sobre sociopoética havia ido para lata do lixo. Perguntei-me após a reunião com Jacques Gauthier, Sandra Petit e os demais membros do núcleo de movimentos sociais da Faced, mais eu e Lia, o que havia acontecido? Onde tinha errado? O que havia deixado de fazer?

Para piorar a situação, Jacques disse que o "grupo havia brincado comigo, jogado de não se expor". Quer saber? Senti-me traída. Depois de todo o tempo investido...

Por outro lado, fiquei pensando que não deveria me cobrar tanto assim, que, na verdade, não existiam culpados, mas uma situação que poderia ter acontecido com qualquer um, com qualquer facilitador, com qualquer grupo-pesquisador. De qualquer forma, não estava sendo muito fácil manter esse pensamento o tempo todo, sentia-me fracassada de saída. Que droga!

Desde o seminário com Jacques em junho passado, quando havíamos trabalhado o tema "Desejo", estava achando-me mais segura, mas ao preparar o material do grupo para a oficina de análise de produção dos dados, que deveria ter sido no dia desse encontro com Jacques, foi que percebi que o grupo, na verdade, não produzira nada de novo (isso foi o que pensei na ocasião).

Jacques me sugeriu realizar entrevistas individuais, mas esqueci de perguntar como, se queremos a produção de um conceito coletivo, fazer algo com essa característica contrária? Qual o gancho com a proposta inicial?

Fiquei muito ruim, a vontade de chorar foi muito grande. Chorei. Perguntei-me: o que havia feito todo esse tempo?

Dá em diante, tentei fazer algo para reverter aquilo que acreditava estar acontecendo e procurei relaxar. Fui ler os comentários de Santos (1999), para entender como e porque ela fez as entrevistas que o Jacques falou, mas juro que não consegui, como já era madrugada, senti que um fator importante interferia, o sono. Deixei para retomar a leitura no outro dia.

Entretanto, avalei ser importante registrar que estava mais tranqüila, a raiva já havia passado e que, na verdade, o grupo não me passou a perna. O que aconteceu é que entrei verde mesmo nessa história. Verde no fazer a pesquisa, verde na sociopoética. Analisei que minha raiva foi mais pelo fato que a coisa fugiu do meu controle. Aqui fica caracterizado o aspecto institucional acadêmico sobre a nossa forma de produzir, de pesquisar. Controle total é a regra.

Hoje posso dizer que fui corajosa, não só eu, mas Lia e Viola, nossa orientadora. Entramos todas nesse barco bem a rigor, de acordo com a metodologia... não construímos categoria prévias de análise... nos levamos pela escuta ao grupo... estamos, de fato, vivendo a sociopoética. O difícil mesmo é admitir que temos de levar em conta as nossas implicações (e aqui a porca torce o rabo) e mais, assumi-las publicamente. Assumir para o grupo, já na restituição, que pode ser antes da defesa da dissertação, ou deve ser, e pro resto do mundo, ao fazermos a defesa... prefiro não pensar, senão trava.

Uma coisa é certa, estamos tentando fazer, tentando escrever o processo, não pular etapas.

Não poderia esquecer de escrever sobre:

- Mais das implicações;
- Porque o ABC e não uma área delimitada da enfermagem. Existem áreas da Enfermagem?
- Registrar minhas observações durante as oficinas;
- A imposição do estilo acadêmico aparecendo aqui, na forma de escrever, de conduzir a pesquisa e, até mesmo, de pensar a pesquisa;

■ Do prazer que estou tendo de fazer isto. É pública e notória minha inabilidade, mas sinto mudanças: na escrita, na seleção da literatura, nas conversas informais, nos questionamentos, no encontro com a orientadora...;

Por falar na orientadora, vou sugerir que ela também fale das suas implicações, digo escreva. Sei lá, fale mesmo, por que não? Afinal, ela também deve ser e/ou estar toda implicada com essas orientandas/desorientadas, um tanto quanto in/out, que somos nós (eu e Lia):

■ O que quero ler para não esquecer;

■ De voltar todo dia ao diário e torná-lo mais presente, já que pretendo que ela faça parte do corpo da dissertação.

■ No que diz respeito fazer registros no diário todos os dias, não fui tão fiel, mas... a regra é quebrar a regra.

Dias depois desse transe, ao concluir a leitura do capítulo 6 do livro "Pesquisa em Enfermagem: Novas Metodologias Aplicadas" (1998), que trata sobre "Análise Institucional e Esquizo-Análise: Uma Abordagem Política na Pesquisa" senti-me impulsionada a registrar meus devaneios...

"Sinto-me penetrada por uma profusa onda de sentimentos multicores, de sons fortes, que quase entro em êxtase ao senti-lo. É uma onda quente, pulsante, que me percorre o corpo, como se quisesse me dar um outro corpo, uma outra forma, diferente, estética e espiritual, da que agora possuo..."

Estou, quase que literalmente, chegando ao clímax de um gozo profundo, inquietador... múltiplos orgasmos, exageradamente múltiplos. A imagem que me vem à mente é de uma mistura, uma simbiose, uma fusão... não sei exatamente, entre eu e minha pesquisa, algo que se funde e sai do fundo do mar, do fundo do oceano para buscar seu rumo... sabendo que ele tende completamente ao infinito.

Fecho os meus olhos ao registrar isso para não ser traída pela minha racionalidade ou pelos meus conceitos morais e estéticos de escrita.

Estou rodopiando, entrelaçando-me com o grupo co-pesquisador, abrindo os braços... recebendo... dando... me dando... um rodopio sem fim, porque não pode ter fim, porque não pode ser concluído, porque é indo... não findo.....

Difícil será parar... o êxtase... .

Mostrei esse texto para o grupo da FAGED/UFC e o burburinho foi geral, todos disseram que iriam ler o capítulo, até os que já o haviam lido. Essa foi uma das emoções fortes que a sociopoética provocou em mim e que me ajudou a crescer.

No início de agosto dei mais uma parada no registro do diário. Muitas coisas aconteceram tão rapidamente, que mais pareceram um verdadeiro furacão. Entre elas, foi que, minha tia Clébia, segunda filha de meus avós maternos, num total de dez, teve morte cerebral diagnosticada na madrugada do dia 12, após um episódio de edema agudo de pulmão, parando totalmente no dia 16. Para mim isso foi terrível, nunca imaginei (literalmente) que um dia pudesse sentir tanto a morte de uma pessoa. Geralmente não quero ver, morto, alguém com quem tenha uma relação afetiva forte, mas no caso dela foi quase impossível me conter. Domingo, 13/8, parti bem cedo para Salvador, não consegui ficar longe...

Mesmo sabendo que, com morte cerebral, só um milagre divino poderia fazê-la voltar, juntei todas as esperanças e fui vê-la no hospital. Ao chegar lá foi difícil acreditar que aquela criatura, cheia de vida, amiga de todos, que há menos de um mês havia conversado comigo por telefone, dividindo angústias, temores e alegrias, estava ali... inerte, cheia de tubos, dependendo de um respirador mecânico e, no dia seguinte, 14/8, de outras medicações para manter coração e rins funcionando. Chorei. Nossa relação era de mãe e filha, de amigas...

Saí de Salvador muito triste, embora creia que minha tia está com o Pai. A dor da separação física é algo que só o tempo vai conseguir conter. Minha tia vibrava com tudo que eu fazia e sempre me deu a maior força, vai ser difícil não poder tê-la aqui para compartilhar as próximas vitórias.

Dessa situação toda, cheguei à conclusão que o mais importante é viver e viver intensamente todos os dias. É amar, é dar-se ao amor, é não se importar com o que os outros pensam ou deixam de pensar. Felizmente, embora tenha estado angustiada nos últimos dias, minha tia viveu. Estou repensando alguns valores.

Nos dias seguintes fiquei abatida, desanimada, a ponto de não querer pensar, muito menos transcrever fita ou ler qualquer coisa da bibliografia. Até li, li durante a viagem de ida para Salvador. Só melhorei depois, afinal de contas, penso que a melhor forma de manter viva a lembrança de minha tia é sendo feliz.

Em agosto concluí todas as oficinas com o grupo-pesquisador e passei para a fase “solitária” da pesquisa, que é estruturar o pensamento do grupo, sendo o mais fiel possível à sua fala e me preparar para a restituição. (Gauthier, 1999)

Não sei porque me cobrei tanto quanto a ter que registrar diariamente no diário. Acho que, mais uma vez, isso pode ser algum reflexo do rigor acadêmico de conduzir uma pesquisa. Essa reflexão me levou a escrever no diário, a observação a seguir:

Difícil essa coisa de estar escrevendo diariamente. Recomendarei aos meus sucessores que se apeguem ao exercício da escrita com mais afinco para que não corram o risco de verem suas idéias, sonhos e pensamentos se perderem ao sabor do vento. Quanto aos fatos, não recomendo tanto porque deles se tem o cuidado do registro, em qualquer lugar.

Lourau (1993, p.78) faz uma observação interessante e que coloquei aqui por achar que talvez seja isso mesmo o que quero dizer:

“O diário da pesquisa – que, por sinal, não é, necessariamente redigido todos os dias – reconstitui a história subjetiva do pesquisador. Mostra, entre outras coisas, a contradição entre a temporalidade da produção pessoal e a institucional, ou burocrática”.

Mais uma vez, tentei recompor, dia-a-dia, os fatos, as idéias e pensamentos. Perdoem-me se os mesmos parecerem um tanto recrudescidos, acontece que o tempo, por sua vez, se apaga acontecimentos ou os revezes das suas entrelinhas, também se encarrega de modificar as coisas, as criaturas. Sendo assim, subscrevo Clarice Lispector (1999:17):

“Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional...”

Minha tentativa de recomposição da vida nos últimos dias de setembro até outubro queria que fosse livre, sem amarras de estética, que adquira personalidade própria, que diga de mim e do outro em mim.

Tinha muito a falar e queria me desnudar, me revelar até para mim. Precisava me conhecer melhor. Estava numa fase muito boa, me sentia mais leve para escrever.

O que aconteceu nesse período é que deixei um pouco de lado a tarefa acadêmica e tentei dar alguma contribuição para a campanha eleitoral, que já estava quase no final, pois nada mais empolgante do que ter a possibilidade de eleger um candidato de esquerda a prefeito, alguém que conheço de perto.

Essa tarefa prosseguiu até o segundo turno, pois todo o trabalho era pouco. Essa candidatura trazia muita emoção e pouco dinheiro, se a gente não se entregasse com o bolso, inclusive, poderia inviabilizar a campanha.

Bem, a eleição passou e meu candidato não foi eleito, ou melhor, não deixaram, pois o prefeito da cidade, que estava se candidatando a reeleição, além de toda a ajuda financeira milionária que recebeu, não teve a menor vergonha de por toda a estrutura da prefeitura a seu serviço, encurtando o papo, comprou voto do jeito que pode. A criatura foi eleita com apenas 7% de vantagem, quando os institutos de pesquisa do país davam uma diferença de 22%, apenas três dias antes da eleição. Uma figura dessa aguenta quatro anos?

Voltando para a produção acadêmica, gostaria de informar que, após esse registro, já havia concluído a transcrição das fitas das oficinas e continuava na tarefa de preparar o material para a restituição.

Cada vez que tive orientação e que lia o material da pesquisa, os livros, entre outros, ficava pensando como estava sendo feliz neste curso. A chance de viver com pessoas tão diferentes e poder construir nesse processo. Poder viver meus temores, minhas angústias e compartilhá-las com minhas parceiras: orientadora e colegas de curso; minha família. Me sentia num verdadeiro processo de desterritorialização e reterritorialização.

Ao ler sobre os momentos da análise restituição, onde Gauthier *et al* (1998) falam que a pesquisadora tem uma responsabilidade fundamental: dizer, apontar o que é uma “oposição estrutural” ou “uma pequena diferença”, fiquei só pensando na hora em que tiver que restituir isso ao grupo. Senti um frio percorrer o meu corpo e não era por causa de um vento que soprava sala adentro, vindo do mar.

Ocorre-me agora um trecho da música “O medo de amar é o medo de ser livre” (Beto Guedes e Fernando Brant/Três Pontas, 1978): “O medo de amar é o medo de ter que a todo o momento escolher, com acerto e precisão, a melhor direção...”

Já referi que em sociopoética é importante viver, amar. Sinto agora, no momento de análise e restituição, esse medo de amar. Agora é um momento de escolhas... apontar as oposições estruturais, as pequenas diferenças...

Qual será a melhor direção?

Sobre isso referem Gauthier *et al* (1998 p.126):

“ A angústia, o medo de ‘não saber fazer’, de não poder se relacionar de maneira conveniente, o medo de si mesmo – do que a pesquisa vai nos revelar da nossa intimidade, das nossas ligações com os outros e do que nos atravessa – não podem estar ausentes do desenvolvimento da pesquisa”.

Só sei que, nesse momento, estou tendo todo o cuidado para não impor meus pensamentos, minhas idéias. Devo confessar que não é tão fácil como pensei, pois está dando uma trabalhadeira enorme. Penso tudo ao mesmo tempo, todas as idéias vêm de uma vez só.

Tem vezes em que dá vontade de ser uma enciclopédia ambulante de já ter lido todas as referências dos livros do Gauthier, Santos, Tavares, Lourau e por aí vai. Em outros, fico pensando se, de fato, nesse momento o mais importante mesmo não seria fazer o relato de todo o processo dessa pesquisa sem me preocupar muito com a teoria. É claro que não estou pensando em não fundamentar todo essa trajetória, mas é não cair no erro de torná-la exclusiva.

Devo dizer que viver a sociopoética tem sido uma verdadeira aventura, até mesmo e por que não, na hora de escolher as categorias teóricas para trabalhar com o grupo pesquisador, pois, uma vez que optei por trabalhar com sociopoética e análise institucional, talvez mais fácil fosse ter escolhido a técnica da vivência dos lugares sóciomíticos, uma vez que já existe a produção de Santos (1999) e Gauthier (1999).

Ao invés de ter feito a opção acima, resolvi trabalhar com os quatro elementos, já desenvolvido por Tavares (1999) é bem verdade, mas analisado pela ótica do fenomenólogo Bachelard, que não é minha opção de referencial teórico. Pode?

Se pudesse fotografar o que estou pensando e sinto agora, numa tentativa de parar no tempo essa imagem, o resultado seria um enorme vulcão prestes a explodir e quando ele explodisse sairia a dissertação, toda prontinha e ardente como as lavas vulcânicas.

Esse deve ser um desejo de todos que estão querendo concluir sua dissertação ou tese, mas o melhor, mais gostoso da história, é que o processo nos impõe uma construção, que é de uma riqueza sem fim. As emoções não são furtadas, mas eclodem a cada passo que se dá. É uma viagem, de onde você só tem certeza do ponto de partida, não sabe qual o seu rumo, ou seu porto, mas sabe que não estará só e que chegará em algum lugar. No caso, aquele aonde o grupo-pesquisador te levar.

7.3 Restituindo

Chegou o grande dia, o da restituição, que aconteceu na sede do próprio ABC e com a presença de nove membros do grupo (Condor-dos-andes; Pato-do-mato; Asa-branca; Arara-azul-de-lear; Papagaio-verdadeiro; Sabiá-laranjeira; Corrupião, Gralha-do-campo e Carretão). O medo do qual falei anteriormente esteve presente até o momento em que fiquei em pé, diante do grupo, respirando fundo para introduzir minha fala inicial. As primeiras palavras saíram arrastadas, como se minha língua pesasse toneladas: o peso do medo. Tudo isso não passou de segundos, uma situação (acho eu) só observada e sentida pelas minhas.

pernas e mãos que tremeram até eu dizer: Bom dia, hoje é, de fato, um dia muito especial...

A ansiedade para cumprir essa fase da pesquisa, exatamente por não saber em que poderia resultar, aos poucos, foi sumindo. O próprio grupo foi me tranquilizando ao se mostrar receptivo para ouvir o que tinha a dizer. Por isso mesmo não hesitei em ser sincera e dizer o quanto estava apreensiva. Os olhos avermelhados e cheios d'água das pessoas presentes fizeram-me prosseguir na apresentação. Expus e comentei todo o trabalho, detalhando mais sobre a fase de produção e análise dos dados, inclusive sobre aspectos que não foram comentados durante esse período, alguns já relatados no presente texto.

Tive o cuidado de não transformar aquele momento em simples informação, concordando com Lourau (1993) quando diz que a atividade de restituir não é um ato caridoso, mas uma atividade intrínseca à pesquisa, tão importante quanto os artigos publicados em revistas ou livros científicos.

Naquele dia senti que estávamos nos separando, que estava me tornando a ex-facilitadora e compartilhei isso com o grupo. Por um lado, foi como perder a minha margem de manobra sobre a situação, por outro, foi vislumbrar e deliciar-me com o fato de que a minha escolha inicial estava sendo confirmada, ou seja, a opção por uma metodologia que desse voz e vez ao grupo sujeito tinha ali o seu apogeu. Eles receberam o resultado de sua produção, comentaram e disseram saber o que iriam fazer com ela.

Corrupião disse que "*não achava que aquelas oficinas, às vezes tão bagunçadas, desse tudo isso*". Agradeceu por eu ter contribuído para que descobrissem o potencial que tinham. **Condor-dos-andes** disse que foi uma das pessoas que havia ido para lá (referindo-se à oficina de sensibilização, a única em que estive presente) achando que minha presença seria para ministrar um curso sobre drogas, sua classificação, efeitos e conseqüência, mas ficou feliz ao ver que o resultado foi bem mais que isso. **Sabiá-laranjeira** disse que espera que os resultados desse trabalho tragam ao grupo novas possibilidades, como por exemplo, ações mais concretas relacionadas ao que produziram e ainda que a

SETAS possa, por sua vez, capacitá-los com cursos e treinamentos para uma intervenção mais eficaz.

Essa resposta do grupo me fez lembrar de Lourau (1993, p.56), quando diz que:

“Se a população estudada recebe essa restituição, pode se apropriar de uma parte do status do pesquisador, se tornar uma espécie de ‘pesquisador-coletivo’, sem a necessidade de diplomas ou anos de estudos superiores, e produzir novas restituições, tanto ao agora talvez ex-pesquisador quanto ao presente social mais imediato ou global. Isso seria, efetivamente, a socialização da pesquisa”.

Com essas colocações do grupo, fiquei me perguntando se aquele tipo de restituição não estava levando a uma mistificação, pois, por mais que tenha estimulado, ele pareceu só concordar com o que foi exposto. Ainda que eu tenha me preparado para uma possível modificação no conteúdo e resultado do processo, isso não aconteceu. Uma outra observação que me incomoda é se esse modo de restituição, só no final, embora, de alguma forma, tenhamos realizado comentários durante o processo, não tenha contribuído para essa postura do grupo. Custa-me crer que tudo tenha sido tão maravilhoso. O que pode estar acontecendo é que, mais uma vez eu quero perfeição, mas admito que, sem querer fazer *mea culpa*, que ainda há muito que aprender com o referencial teórico, com a metodologia.

Conclui dizendo que meu desejo era que não engavetasse seu sonho e capacidade. Ele, grupo-pesquisador, podia muito mais. A resposta que me deram é que vão dar prosseguimento à idéia de uma peça teatral como forma de divulgar que produziram. Agora talvez mais viável, uma vez que uma das mais novas componentes do grupo, que entrou após a última oficina, é instrutora de teatro e mostrou-se motivada a colaborar. O tempo não pára.

7.4 Cumprindo objetivos:

Nessa viagem, quando estivemos acompanhados um do outro durante todo o processo, acreditamos ter cumprido nossos objetivos iniciais e a restituição confirmou isso. Assim, os retomamos para dizer que:

Favorecer um espaço para a construção do processo de auto-análise do grupo-pesquisador quanto à drogadição se deu com a realização das oficinas, que funcionaram como um dispositivo e que contribuiu para deflagrar esse momento. O grupo-pesquisador foi também, em si, um dispositivo, que favoreceu esse processo de auto-análise. O grupo faz um recorte da realidade, aponta suas contradições internas e diz em que acredita. É polifônico, transversal, multirreferencial.

Vivenciar uma prática de pesquisa participativa, desencadeadora do potencial criativo das pessoas como fonte de conhecimento nos foi permitido com a sociopoética. Talvez não alcancemos, de imediato, a dimensão do que a sociopoética provocou em todos nós. Ouvimos nossos corpos, sentimos nossa voz e nos descobrimos capazes de criar e de propor, de ser. Certamente o tempo se encarregará disso.

Identificar junto ao grupo-pesquisador aspectos relativos à prevenção ao uso de drogas. O grupo trabalhou um conceito próprio, seu. Caminhou nessa construção sem fazer ardeios e disse o que pensava. Finaliza essa construção com a proposta de uma outra, algo palpável, real, simples e possível de ser realizado, que é a abordagem precoce ao possível usuário de drogas ou a quem já o seja, antes que esse caminho não tenha mais volta.

Para não finalizar, digo que, a conclusão a que chegamos foi apontada pelo grupo, consolidando que, nessa prática de pesquisar, nunca estamos sós, não há como se manter "puro", "estéril", como se nada fosse capaz de nos macular. Essa mancha é o resultado do grupo em nós e vem com as cores de uma relação que está totalmente imbricada. Ainda que quiséssemos nos desnudar de tudo isso seria impossível. Esse caminho não tem fim, pois não são portas que se fecham atrás de nós e mais uma estória que recebe um ponto final, estando fadada ao esquecimento. Esse caminho tem o seu início aqui, para mim

e para o grupo-pesquisador. Para mim porque desabrocho para outras possibilidades; para o grupo porque, além disso, descobre que pode fazer muito mais do que cumprir uma rotina de trabalho pode produzir novos conhecimentos com seu corpo e sua voz. Gauthier *et al* (1998; p.159) dizem que:

“...ao estudar as suas produções poéticas, o grupo-pesquisador aponta problemas globais, de interesse universal, que o aproxima da “grande política”, da interdependência econômica mundial, de uma visão crítica para o mercado cultural etc.”.

Assim, trago aquele que sintetiza esse processo, o “Retrato da Multirreferencialidade”:

*Tentando achar um caminho de possibilidades,
Tentando criar sem racionalidades,
Me descobri num processo incomum, diferente das minhas verdades.
Querendo ser a possibilidade do outro
E ouvir a voz das inconsciências
Me vi em estradas outras,
Caminho das multireferências.
Intencionalmente desejei as horas,
Desejei o tempo, desejei a hora,
Desejei a vida, descoberta dos fatos criados,
Desejei a liberdade dos atos.
E assim, estando ainda inconclusa, mesmo por não querer conclusões,
Gozo com a incompletude, com as vozes e com as canções:*

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, M.F.M. et al. **Como trabalhamos com o método de oficinas**. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1998.
- BARBIER, R. **A Pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- BAREMBLITT, G.F. (Coord.). **O inconsciente institucional**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1994.
- BARROS, R.D.B. **Grupo e produção**. In: LANCETTI, A. (Org.); **Saúde e loucura**. n.4, São Paulo, Hucitec, 1993.
- BASTOS, F.I. et al. **Troca de seringas: ciência, debate e saúde pública**. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BRASIL. Ministério da Ação Social. CBIA. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. DOU de 23/12/1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos**. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- CARLINI, E.A. et al. **IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: UFSP/CEBRID, 1997.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CEARÁ. Governo do Estado do. **Adia efeitos da extinção da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará – FEBEMCE / Fortaleza, D.O.E., de 17/12/1999.**
- CEARÁ. Secretaria do Trabalho e Ação Social. FEBEMCE. **Programas da FEBEMCE**. Fortaleza, 1998.
- CEARÁ. Secretaria do Trabalho e Ação Social. FEBEMCE. Departamento de Ações Educativas e Profissionalizantes – DEAEF. **Instrução Normativa que regulamenta os convênios da assistência técnica e cooperação financeira da FEBEMCE/Entidades Comunitárias**. Fortaleza, 1996.
- COSTA, A.C.G. **As crianças e adolescentes em situações especialmente difíceis e as administrações municipais**. Porto Alegre: Famurs/FCBIA, 1992.
- _____. **Infância, juventude e política social no Brasil**. In: **Brasil Criança Urgente**. São Paulo: Columbus Cultural, 1989.
- COSTA, A.C.L.L.; GONÇALVES, E.C. **A sociedade, a escola e a família diante das drogas**. In: BUCHER, R. (Org.). **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo: EPU, 1998.
- COSTA, S.S.G. **Subjetividade e menor idade: acompanhando o devir dos profissionais do social**. São Paulo: Annablume, 1998.
- DELEUZE, G. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- EGRY, E.Y.; SENA-CHOMPRÉ, R.R. **A enfermagem nos projetos UNI: contribuição para um novo projeto político para a enfermagem brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1998.

- GAUTHIER, J. **Sociopoética: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação.** Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.
- GAUTHIER, J.; SANTOS, I. **A Sociopoética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência.** Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- GAUTHIER, J.; SOBRAL, V. **Análise institucional e esquizoanálise: Uma Abordagem Política na Pesquisa.** In: GAUTHIER, J.H.M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C.M.M. (Org.). **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. p. 88-121.
- GAUTHIER, J.; SANTOS, I.; SOUSA, L.S.; FIGUEIREDO, N.M.A. **A Sociopoética: uma filosofia diferente e prazerosa.** In: GAUTHIER, J.H.M.; CABRAL, I. E.; SANTOS, I.; TAVARES, C. M. M. (Org.). **Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. p. 121-176.
- GRECO FILHO, V. **Tóxicos: prevenção/repressão: comentários à Lei nº 6.368, de 21/20/1976, acompanhados da legislação vigente e de referência e ementário jurisprudencial, acrescida de novas emendas.** 11.ed. atual. São Paulo: Saraiva, 1996.
- KALINA, E. et al. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- LAPASSADE, G. **Grupos, organizações e instituições.** 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.
- LEITINHO, M.C. **Parâmetros curriculares nacionais: uma análise político-pedagógica.** *Revista do Conselho de Educação do Ceará.* Mensagem. n.16, p.39-43, 1998.
- LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa.** Rio de Janeiro: Gráfica UERJ, 1993.
- _____. **Panorama atual do movimento institucionalista.** In: **O Inconsciente**

- institucional. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 73-77.
- MAIEROVITCH, W. F. O que pensa o Juiz Maierovitch, o novo homem forte da luta antidrogas no país. **Revista Mind**, São Bernardo do Campo, n.18, p 10 – 13.1998.
- MARLATT, G.A. **Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- MARTINS, F.C.C.L.; SILVEIRA, L.C.; BRAGA, V.A.B. Equipe de saúde mental do hospital-dia: produzindo a interdisciplinaridade. In: FRAGA, M.N.O; BRAGA, V.A.B. E ALVES; SOUZA, A.M. (Org.) **Políticas de saúde, saúde mental e interdisciplinaridade: avaliação e métodos**. Fortaleza: UFC, 2001.
- MEIRELLES, B.S.; ERDMANN, A.L. A questão das disciplinas e da intercisciplinaridade como processo educativo na área da saúde. **Rev. Texto & Contexto**, Florianópolis, v. 8, n .1, p. 88 – 102, jan./abr.1999.
- MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **O desafio do conhecimento**. 6. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1999.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. União contra as drogas. **ONU em foco**, n. 56, p. 01 – 04,1998.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processo de criação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PAIVA, C.C. Motivações para uso de droga. In: BUCHER, R. (Org.). **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo: EPU, 1998.
- PEREIRA DE SÁ, M.I. Lei Darcy Ribeiro: uma revolução na educação. **Revista do Conselho de Educação do Ceará**. Mensagem. n.16, p. 9-15, jan./jun. 1998.
- ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de

- globalização. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.
- ROTELLI, F. Onde está o Senhor? In: LANCETTI, A. (Org.). **Saúde loucura**. São Paulo: Hucitec, 1991. n. 3
- SENAD. Legislação Brasileira sobre Drogas. Disponível em: www.senad.gov.br. Acesso em: 15 de julho de 1999.
- _____. **Relatório preliminar do I Fórum Nacional Antidrogas**. Disponível em <http://www.planalto.gov.html>. Acesso em 15 de julho de 1999.
- SICK, H. **Ornitologia brasileira: uma Introdução**. 3. Ed. Edit. Universidade de Brasília, 1988. v. 1 e 2.
- SOUSA, A.M.; MILITÃO, R.T. **SOS dinâmica de grupo**. Fortaleza: LCR, 1997.
- TAVARES, C. M. M. **A Poética do cuidar**. Rio de Janeiro: SENAI, 1999.
- WODAK, A. Redução de danos e programas de trocas de seringas. In: BASTOS et al (Org.). **Troca de seringas: ciência, debate e saúde pública**. Coordenação Nacional de DST e AIDs, Brasília: Ministério da Saúde, 1998.
- WRIGHT, M.G.M. A saúde internacional e a problemática da droga na América Latina: uma contribuição conceptual. OEA/Projeto de Enfermagem /UFSP/DENF. **Documentos para discussão**. São Paulo, 1998.

SUMMARY

The use of drugs is present in mankind from the origins of her existence. Several combat forms to that "evil" were already thought, however, the same society that elaborates strategies for the drug addiction extinction, it also foments her. Besides, it treats the drug addicts as crazy, marginalizes them, because, to recognize the drug addiction problem is the same as to recognize her internal contradictions. We tried to develop this thematic with the project A. B. C. workers, linked to the Secretaria do Trabalho e Ação Social of Ceará State, that drives their actions to children and adolescents that are, according to their statutes, in situation of personal and social risk. To accomplish this work, we considered to be indispensable the use of a methodology that took us to an innovative study, understanding that the opposite would only contribute to reinforce institutionalized postures. So, we led for a trip through that thematic, using as guide the Institutional Analysis and the Sociopoética, two referentials that favored to emerge the revolutionary of the group, that experienced, through the accomplishment of workshops, the exercise of the self-analysis. The group option was for the production of a concept of drugs and the result was polyphonic, multireferencial, as it was the own group. As result, the group considers that drug is not the chemical substance in itself, but the family problems and the social prejudice around that thematic, specifically of the user. We believed that the time will be revealing that those results don't stop here. One thing is right, we are not anymore the same ones after that experience. We walked for another posture before the life, more critic, in a production sense, that, due to being multiple, we will call critical multivisibility.